



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE**  
**CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES**  
**UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS**  
**CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA**

**“EU QUERIA CONHECER UMA BRUXA”: UM OLHAR SOBRE AS RELAÇÕES  
DE GÊNERO DO REGIMENTO AÉREO FEMININO RUSSO 588 (1942-1945).**

**YSLA MARIA FARIAS**

**CAJAZEIRAS-PB**

**2024**

**YSLA MARIA FARIAS**

**“EU QUERIA CONHECER UMA BRUXA”: UM OLHAR SOBRE AS RELAÇÕES  
DE GÊNERO DO REGIMENTO AÉREO FEMININO RUSSO 588 (1942-1945).**

Monografia apresentada a disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) do Curso de Graduação em Licenciatura em História da Unidade Acadêmica de Ciências Sociais do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito para obtenção do título de licenciado em História.

**Orientadora:** Dra. Rosemere Olimpio de Santana.

**CAJAZEIRAS – PB**

**2024**

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação-(CIP)

F224e Farias, Ysla Maria.  
“Eu queria conhecer uma bruxa”: um olhar sobre as relações de gênero do Regimento Aéreo Feminino Russo 588 (1942-1945) / Ysla Maria Farias. – Cajazeiras, 2024.  
91f. : il.  
Bibliografia.

Orientadora: Profa. Dra. Rosemere Olímpio de Santana.  
Monografia (Licenciatura em História) UFCG/CFP, 2024.

1. Segunda Guerra Mundial - Atuação feminina. 2. Mulheres russas. 3. Narrativas femininas - Período de guerra. 4. As Bruxas da Noite. 5. Irina Raskova - Memória. 6. Night Witches - Documentário - Guerra Mundial. I. Santana, Rosemere Olímpio de. II. Título.

UFCG/CFP/BS

CDU – 94(100)"1933-1939"

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária Denize Santos Saraiva Lourenço CRB/15-046

**YSLA MARIA FARIAS**

**“EU QUERIA CONHECER UMA BRUXA”: UM OLHAR SOBRE AS RELAÇÕES DE GÊNERO DO REGIMENTO AÉREO FEMININO RUSSO 588 (1942-1945).**

**APROVADO EM:** 03/12/2024.

**BANCA EXAMINADORA**

Documento assinado digitalmente



**ROSEMERE OLIMPIO DE SANTANA**

Data: 04/12/2024 19:03:52-0300

Verifique em <https://validar.it.gov.br>

---

Profa. Dra. Rosemere Olimpio de Santana (UFCG) - Orientadora

Documento assinado digitalmente



**ANA LUNARA DA SILVA MORAIS**

Data: 04/12/2024 17:55:41-0300

Verifique em <https://validar.it.gov.br>

---

Profa. Dra. Ana Lunara da Silva Moraes (UFCG) - Examinadora interna

Documento assinado digitalmente



**FRANCISCO FIRMINO SALES NETO**

Data: 04/12/2024 18:01:46-0300

Verifique em <https://validar.it.gov.br>

---

Prof. Dr. Francisco Firmino Sales Neto (UFCG) - Examinador interno

---

Profa. Dra. Silmária Reis dos Santos - Suplente

**CAJAZEIRAS - PB**

**2024**

*Dedico este trabalho a minha avó (in memoriam), que me mostrou as primeiras definições de amor feminino, a ela toda a minha força e vida dedico e à minha mãe, ramificação de minha avó, mulheres que fazem parte de mim.*

## **AGRADECIMENTOS**

O presente trabalho faz parte de uma caminhada de amadurecimento e compromisso evolutivo que fiz comigo mesma. Agradeço acima de tudo, a Ysla de 19 anos que viu além da bolha. Conseguimos!

Agradeço a Raurislandia Santos, minha amiga, confidente, irmã, que esteve presente e se fez força nos meus dias de euforia. Raurislandia, você me ensina a acreditar na amizade e na capacidade de nos curar coletivamente. Que sorte construir essa amizade durante esses anos, desde as nossas conversas, nas piadas, na construção dos trabalhos, me sinto honrada em ser tua amiga e de acompanhar a sua trajetória enquanto ser humano e profissional, nessa realidade sem reparos. Amiga, agradeço por trazer humanidade e afeto para minha vida.

Agradeço a Maria Malu, Josefa Leila, Fernanda Beatriz, Sabrina Gregório e Lucas Nathanael por fazerem essa trajetória mais leve, amizades que levarei para sempre em meu coração. Meus agradecimentos pelos momentos vividos, pelas risadas, abraços, desabafos e confortos, nossa amizade trouxe sentido para que eu pudesse prosseguir nessa jornada e conseguir sempre ter esperança no amanhã.

Aos professores da universidade, pelo conhecimento e contribuição para que essa jornada fosse possível, e em especial a minha orientadora, Rosemere Olimpio por abrir meus horizontes acadêmicos, agradeço pelo tempo dedicado e carinho, durante a orientação desta pesquisa.

*Não cortaremos os pulsos, ao contrário, costuraremos com linha dupla todas as feridas abertas.*

*(Lygia Fagundes Telles)*

## RESUMO

Gênero e guerra são dois conceitos interligados, que revelam dimensões históricas, sociais, culturais e econômicas em suas interações. O presente trabalho busca evidenciar essas relações por meio da atuação do quingentésimo octogésimo oitavo Regimento de Bombardeios Noturnos, acessadas por meio das seguintes fontes: o livro *As Bruxas da Noite: A História Não Contada do Regimento Aéreo Feminino Russo Durante a Segunda Guerra Mundial* (2019) e o documentário *Night Witches* (2013), da cineasta Gunilla Bresky. O objetivo desta pesquisa é contextualizar a figura feminina e a guerra a partir de uma abordagem política das dinâmicas de poder e controle presentes na sociedade russa. Portanto, a pesquisa constou com uma metodologia de análise fílmica a partir das contribuições de Marc Ferro (1992), também de pesquisa e revisão bibliográfica. O trabalho procura fazer uma análise política e interseccional da mulher e o front de guerra. Pretende-se revelar estruturas de poder, classe e etnia questionando e revelando narrativas hegemônicas e homogêneas, destacando privilégios masculinos de memória e protagonismo.

**Palavras-chave:** Segunda Guerra Mundial; Gênero; Mulheres; As Bruxas da Noite.

## ABSTRACT

Gender and war are two interconnected concepts, which reveal historical, social, cultural and economic dimensions in their interactions. This work seeks to highlight these relationships through the actions of the Five hundred and eighty-eighth Night Bombardment Regiment, accessed through the following sources: the book *The Witches of the Night: The Untold History of the Russian Women's Air Regiment During the Second World War* (2019) and the documentary *Night Witches* (2013), by filmmaker Gunilla Bresky. The objective of this research is to contextualize the female figure and war from a political approach to the dynamics of power and control present in Russian society. Therefore, the research consisted of a film analysis methodology based on the contributions of Marc Ferro (1992), also of research and bibliographic review. The work also seeks to carry out a political and intersectional analysis of women and the war front. It is also intended to reveal structures of power, class and ethnicity. Thus, the work is also part of discussions that question and reveal hegemonic and homogeneous narratives about women and the front, revealing male privileges of memory and protagonism.

**Keywords:** Second World War; Gender; Women; The Night Witches.

## **LISTA DE ILUSTRAÇÕES**

Fig 01: Marina Raskova lendo cartas das moças interessadas no serviço militar

Fig 02: Corte de cabelo das mulheres militares

Fig 03: Quingentésimo octogésimo oitavo Regimento de Bombardeios Noturnos - I

Fig 04: Quingentésimo octogésimo oitavo Regimento de Bombardeios Noturnos - II

Fig 05: Mulheres prestes a iniciar voo

Fig 06: Reunião do Regimento 588º para planejamento

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	09
<b>CAPÍTULO I – MULHERES RUSSAS PARA ALÉM DE GUERREIRAS</b>	
Mulheres e guerras: uma história de mão única?.....	14
O gênero e a guerra: debates.....	20
As mulheres russas no front: Ideologia, estratégia e pioneirismo.....	23
<b>CAPÍTULO II – MEMÓRIAS EM DISPUTA: A ATUAÇÃO FEMININA ANTES, DURANTE E PÓS GUERRA</b>	
A “grande família”: mulheres, pátria e maternidade.....	32
Feminino ou masculino: corpos em disputa. ....	38
Silêncio e esquecimento: a memória de Irina Raskova.....	42
<b>CAPÍTULO III – O TESTEMUNHO NA LITERATURA E NO CINEMA PARA O ESTUDO DE NARRATIVAS FEMININAS DURANTE A GUERRA</b>	
Literatura e cinema de testemunho: lugares teóricos e metodológicos... ..	53
Relatos de uma Guerra: a participação do Regimento de Bombardeios Noturnos 588 durante a Segunda Guerra Mundial a partir do documentário <i>Night Witches</i> .....	62
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	78
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	81
<b>ANEXO</b> ... ..	86

## INTRODUÇÃO

Este trabalho parte de um interesse de pesquisa que surgiu desde as primeiras disciplinas que me apresentaram a História das Mulheres e a História das Relações de Gênero, cristalizando-se mais fortemente nas disciplinas de projeto de pesquisa. Embora, no início, o objeto fosse outro, sempre me entendi pertencente a essa área de pesquisa e desenvolvi propostas situadas dentro dessa vertente. Considerando também minha percepção enquanto mulher, embora minha pesquisa seja sobre mulheres que estão longe de minha realidade, me sinto conectada à elas. Muito embora esse sentimento sugira uma “universalidade”, já que não somos iguais, apenas pelo fato de sermos mulheres, mas, é um sentimento de pertencimento.

Assim, foi na disciplina de Projeto de Pesquisa III que, inesperadamente, surgiu a possibilidade de investigar sobre essas aviadoras. A literatura despertou em mim o interesse em saber mais, não apenas sobre as histórias de heroísmo e vitória, mas também para entender como essas mulheres chegaram, onde chegaram e como foram suas experiências do ponto de vista historiográfico. Considerando que a literatura já abordava alguns aspectos difíceis dessa jornada – como os cortes de cabelo, as roupas e o esquecimento após o período –, mesmo que de forma breve e sem aprofundamento historiográfico, despertou em mim o desejo de investigar mais.

Por isso, tive interesse em analisar as dinâmicas de poder e controle em que estavam inseridas, não apenas no âmbito da economia, política ou ideologia como elementos isolados de suas relações no front. O que teria levado tantas mulheres a irem para a guerra, considerando a incredibilidade por parte de seus pares e as barreiras que enfrentam por serem mulheres?

Dessa forma, a literatura foi compreendida como uma fonte rica em possibilidades de investigação e, colocada junto ao documentário, permitiu entender formas de tratar as memórias e representações do regimento. A partir do conhecimento historiográfico, também podemos analisar os recortes que essas fontes fazem e seus interesses; mesmo que de forma indireta, há um “porquê” na reprodução dessas representações e discursos.

Tendo em vista esses questionamentos, é importante situar o Regimento Feminino Russo de Bombardeios Noturnos 588, que ficou conhecido como “Bruxas da Noite”, e surgiu em um momento de crise militar soviética. No dia 8 de outubro, o Comitê Estatal de Defesa deu uma ordem decisiva para a criação de três regimentos aéreos femininos: o 586º Regimento de Caças de Interceptação e Defesa Aérea, o 125º Regimento de Bombardeios Diurnos e o 588º

Regimento de Bombardeios Noturnos, sendo este último o único que permaneceu exclusivamente feminino até o fim. Além disso, cabe destacar a atuação de Marina Raskova como a principal responsável pela criação desses regimentos. Os voos realizados por essas mulheres eram temidos devido ao ataque silencioso, sempre realizado durante a noite. O regimento começou a atuar em 1942, após terminar seu treinamento em Engels. Era formado de jovens entre 17 e 26 anos, o regimento era formado por 115 mulheres em sua maioria aviadoras mas também haviam mecânicas e técnicas. O nome “Bruxas da Noite” foi dado pelos seus rivais (os alemães), mas que ao longo de sua atuação se transformou como uma espécie de representação de força, coragem e de atuação singular desse grupo.

O contexto em que elas atuaram foi o Segundo Conflito Mundial (1939-1945), o mais marcante da história do século XX. Esse período teve dois protagonistas: os Aliados, formados pela Grã-Bretanha, França, URSS e EUA, e o Eixo, composto por Alemanha, Itália e Japão. Diversas causas antecederam a guerra, entre elas a Primeira Guerra Mundial (1914-1918), o revanchismo alemão e o Tratado de Versalhes (1919), que colocou a Alemanha como a principal culpada pelo conflito. O segundo conflito apresentou alguns aspectos que serviram como uma saída para os EUA da crise de 1929, a ascensão dos regimes totalitários (nazismo e fascismo) e a Revolução Russa (1917), marcada pela forte oposição entre socialistas e nazistas.

Durante esse período, as mulheres desempenharam um papel crucial, especialmente as mulheres russas, que, desde cedo, passaram por uma forte preparação militar. Como discutem as autoras Giovanna Bem Borges e Débora Bem Borges (2022 p. 199) : “A União Soviética foi o único país, dentre todos os que tiveram políticas de recrutamento feminino, a permitir oficialmente o alistamento de mulheres para posições combatentes”.

A partir disso, encontrei a possibilidade de problematizar esse regimento, porque a relevância desta temática vai além do aparente prestígio e destaque dessa atuação, uma vez que, historicamente, as mulheres, de formas diversas, estiveram sujeitas à secundarização de suas atividades em conflitos, decisões políticas e narrativas históricas. Dessa maneira, as narrativas históricas, principalmente as militares, tornaram-se um espaço marcadamente masculino, resultando no esquecimento e na desvalorização do papel feminino.

Esses aspectos impactam diretamente a produção de conhecimento, uma vez que os principais personagens das narrativas históricas sobre guerras são, em sua maioria, homens. Assim, essas experiências masculinas ganharam visibilidade, memórias e lugar nas decisões políticas e ações durante conflitos militares, enquanto as experiências femininas foram relegadas à invisibilidade e ao esquecimento nos discursos oficiais e acadêmicos, moldados

pela lógica masculina. Portanto, este trabalho entrelaça os conceitos de gênero, memória e representação, inseridos no campo da Nova História Cultural, possibilitando compreender as narrativas, depoimentos e representações femininas durante o recorte temporal (1941-1945) e os aspectos sociais, políticos e culturais que moldaram esse período.

Nesse sentido, uma categoria de grande ênfase no trabalho será a categoria "mulher". Vale observar algumas questões em torno dessa categoria. A autora Adriana Piscitelli (2002) abre caminhos para entender a mulher além de uma visão unitária e universal, partindo das análises do movimento feminista e dos estudos de gênero. As discussões desenvolvidas no âmbito do movimento feminista têm influência direta na formulação do conceito de gênero e na ampliação dessa categoria. Piscitelli argumenta que o movimento feminista, a partir de 1960, frequentemente atribuiu a categoria "mulher" a um aspecto essencialista de subordinação universal e de construção social. Ao longo de sua reformulação política, o movimento feminista se abriu para compreender a mulher em seu espaço, esvaziando categorias e conceitos universalizantes.

A autora apresenta um debate moderno, no qual os conceitos de gênero e mulher passam por transformações políticas, identitárias e acadêmicas, influenciadas por "aproximações desconstrutivistas". "Este movimento de reelaboração teórica, que questiona o conceito de gênero, está, por sua vez, associado a uma reelaboração, muitas vezes conflitiva, dos pressupostos teóricos e políticas feministas" (Piscitelli, 2002, p.12). A partir disso, autoras como Joan Scott e Judith Butler marcaram os estudos com novas reformulações do conceito de gênero.

As perspectivas de várias das autoras que participam nas discussões atuais sobre gênero, entre as quais é possível inserir a produção de Butler, embora diferenciadas, coincidem na radicalização dos esforços por eliminar qualquer naturalização na conceitualização da diferença sexual, pensando gênero de maneira "não identitária". Isto é, rejeitando os pressupostos universalistas presentes na distinção sexo/gênero, convergem na tentativa de analisar criticamente os procedimentos através dos quais gênero é concebido como fixando identidades, e de formular conceitualizações que permitam descrever as múltiplas configurações de poder existentes em contextos históricos e culturais específicos (Piscitelli, 2002 ,p.16).

Diante disso, o movimento feminista e o desconstrutivismo promovem debates que sugerem novas perspectivas, criticando os essencialismos nas abordagens do conceito de gênero e da categoria "mulher". Nessa reformulação, os estudos produzidos por "mulheres de cor" e do "Terceiro Mundo" foram essenciais para possibilitar novas abordagens. A autora

destaca que “eles podem possibilitar a superação dos problemas epistemológicos que dominaram os pressupostos teóricos feministas” (Piscitelli, 2002, p.17-18). Portanto, o conceito de gênero e a categoria “mulher” passam por uma reelaboração, abrindo-se para aspectos que vão além de análises binárias e biológicas, incorporando questões de poder, identidade e reconfiguração das relações de poder que perpetuam antagonismos de gênero. Esses conceitos serão importantes para que possamos analisar essas mulheres para além das perspectivas do sexo biológico.

Para isso utilizaremos fontes cinematográficas e literárias. A fonte literária será o livro *As Bruxas da Noite: A História Não Contada do Regimento Aéreo Feminino Russo Durante a Segunda Guerra Mundial* (2019), escrito por Ritanna Armeni, jornalista e escritora italiana, traduzido por Karina Jannini. Nessa obra, a autora, a partir de pesquisas e interesses pessoais, busca informações sobre as mulheres que serviram no front. Ela consegue encontrar a física Irina Rakobolskaya e realizar entrevistas com a piloto. A obra é dividida em 30 capítulos curtos, que retratam diversos aspectos. O documentário *Night Witches* (2013), da cineasta Gunilla Bresky, também será utilizado como fonte. O filme trabalha com entrevistas de algumas aviadoras sobreviventes e utiliza material de arquivo. A diretora entrevista Rufina Gasheva, Nadezhda Popova, Aleksandra Akimova, Irina Rakobolskaya, Irina Dryagina, Olga Yakovleva, Klavdiya Ryzhkova (Deryabina) e Raisa Mazdrina.

Essas duas fontes fornecem uma base para analisar as relações presentes no cotidiano dessas mulheres. Além de serem fontes testemunhais, cumprem o papel de fornecer representações, discursos e posições que podem ser historicizadas de acordo com a produção historiográfica. A fonte literária é a mais visível, embora seu potencial como fonte ainda não tenha sido explorado, assim como o documentário, que permaneceu em um lugar de pouca visibilidade e análise. Portanto, com o intuito de historicizar essas mulheres, o trabalho segue, nos capítulos, uma lógica de análise com o objetivo de produzir um quadro de problematização amplo.

Dessa maneira, as fontes foram percebidas dentro de suas possibilidades metodológicas. Partindo do pressuposto de que são fontes testemunhais e que utilizam de recursos diferentes. Então, a literatura foi analisada no seu potencial linguístico, ou seja, como ela descreve a realidade, as memórias e depoimentos, tendo em vista também seu potencial como alternativa para chegar a memórias de grupos minoritários. O documentário faz outro movimento de representação e produção de discurso, despertando mais fortemente emoções através das imagens selecionadas, música e organização das narrativas.

A começar pelo primeiro capítulo, intitulado *Mulheres russas para além de guerreiras*, pretende-se explorar as produções historiográficas sobre a temática em questão. Proporciona-se ainda um debate sobre o recorte ocidental feito sobre a atuação feminina, limitando seu papel a uma representação de guerreira, corajosa e gloriosa, enquanto negligencia aspectos adversos presentes nessa ida ao front. Aspectos como: estratégias políticas que envolvem gênero, etnia, raça e classe.

O segundo capítulo: *Memórias em disputa: a atuação feminina antes, durante e pós guerra*, trata inicialmente de revelar as estratégias do governo para moldar a “Grande Família”, composta pelas mulheres trabalhadoras, que foram alvos de políticas contraditórias com relação à maternidade e ao trabalho. As mulheres trabalhadoras enfrentaram três jornadas: a maternidade, o trabalho doméstico não remunerado e o trabalho fora de casa remunerado, além de serem alvos de representações controversas sobre masculinidade e feminilidade na mídia. Por último, discute-se a memória feminina em contextos históricos, sua representação e utilização, principalmente por homens, como algo secundário, sem importância e irracional. Por isso, a literatura se torna um veículo essencial para dar visibilidade e expressão às memórias ignoradas pelas narrativas oficiais.

No terceiro capítulo: *O testemunho na literatura e no cinema para o estudo de narrativas femininas durante a Guerra*, aborda o papel do cinema e da literatura de testemunho como fontes históricas para o estudo de narrativas femininas durante a Segunda Guerra Mundial, focando no Regimento 588 de Bombardeios Noturnos Soviético, conhecido como "Bruxas da Noite". O texto examina o documentário *Night Witches* (2013), de Gunilla Bresky, e o livro *As bruxas da noite* (2019), de Ritanna Armeni, como obras complementares que representam a trajetória e os desafios enfrentados por essas aviadoras. O capítulo também discute a importância da perspectiva feminina na construção dessas narrativas, mostrando como a presença feminina na guerra foi inicialmente desprezada e, posteriormente, apagada dos relatos oficiais. A análise final sugere que a literatura e o cinema atuam como veículos de rememoração e valorização das memórias dessas mulheres, que não apenas lutaram contra o inimigo, mas também enfrentaram as barreiras impostas pelo patriarcado e pela política soviética.

## **CAPÍTULO 1: MULHERES RUSSAS PARA ALÉM DE GUERREIRAS**

### **1.1 MULHERES E GUERRAS: UMA HISTÓRIA DE MÃO ÚNICA?**

À medida que se pesquisa sobre a mulher e a guerra, percebe-se que este é um campo ainda pouco explorado, o que pode dar a entender que não se produz ou não se produziu trabalhos suficientes sobre o tema, especialmente no contexto brasileiro. No entanto, encontram-se alguns trabalhos de âmbito historiográfico e estudos mais aprofundados sobre a temática aqui abordada. O objetivo de apresentar essas pesquisas é fornecer um panorama de análise sobre o que já foi investigado. Foram encontrados entre dezesseis livros e três artigos. O quadro se encontra em anexo.

A partir desse breve panorama, enfatiza-se ainda mais a amplitude de discussão da temática, sobretudo no que diz respeito às mulheres militares. Entretanto, a questão feminina na guerra vai muito além de sua participação no front ou de seu papel como figuras representativas de um período militar. Elas foram alvo de outros debates e representações, baseados em suas experiências e nas relações com o mundo da artilharia, da aviação, das metralhadoras, dos aventais, das noites de lavagem de roupas, das bandagens em feridos, da morte e de uma memória dolorosa ou repleta de coragem. Essas vivências são permeadas por interesses e ideologias que transbordam em suas especificidades cotidianas.

É importante frisar ainda o recorte, em sua maioria, ocidental. Muitas produções apresentam essas mulheres como guerreiras, defensoras da nação, pertencentes a uma cultura de guerra supostamente natural da cultura russa, o que veremos que, de natural, não tem nada. Esse recorte oculta as diversas experiências dessas mulheres e se limita a uma experiência "guerreira" exclusivamente feminina, supostamente natural, motivada apenas pela coragem de lutar por sua pátria. Entender essa multiplicidade implica uma análise das experiências dessas mulheres, moldadas por múltiplos fatores, sem que se limitem apenas a elas. Existem outros aspectos inerentes a essas vivências.

A autora Carol Cohn (2013) argumenta que as guerras não são um fenômeno uniforme, tampouco de gênero uniforme, e que suas formas variam. Assim, ela aponta:

Eles variam em muitas dimensões, incluindo as armas, táticas e estratégias empregadas, as motivações e objetivos políticos, a economia global e relações políticas nas quais estão inseridos, os tipos de militares e grupos armados engajados na luta, o número, alcance e tipo de outros atores envolvidos no conflito e os recursos disponíveis para a recuperação da guerra. (Cohn, 2013, p.02)

Seguindo a linha de pensamento da autora, é importante estar atento à profunda mudança de atitude em relação à mulher que ocorreu a partir do primeiro conflito mundial. Com a guerra se tornando total e mecanizada, as necessidades de mão de obra se multiplicaram, e, para sustentar o esforço de guerra na retaguarda, foram convocadas todas as forças da nação.

Dessa forma, a atuação feminina em guerras, bem como sua posição no militar e em outros papéis, tem raízes históricas que não surgiram apenas no período da Segunda Guerra Mundial. As mulheres protagonizam os cenários de conflito desde a Antiguidade. Nesse sentido, Svetlana Aleksievitch afirma: Já no século IV a.C., em Atenas e Esparta, havia mulheres lutando nas tropas gregas. Depois, elas participaram das campanhas de Alexandre, o Grande (Aleksievitch, 2016, p. 07).

Segundo Caire (2002, p.18), seja no Antigo Regime, na Idade Média, durante a Revolução ou no Império, as mulheres estiveram presentes nos exércitos em diversos papéis. De acordo com o autor, elas atuavam: “como esposas, enfermeiras, prostitutas ou mercadoras, antes que fossem reconhecidos os papéis oficiais de cantineiras, vivandeiras e lavadeiras”.

Foi a partir da Primeira Guerra Mundial que as condições das mulheres começaram a mudar. Com a crescente necessidade de mão de obra, houve uma convocação intensiva da nação, incluindo as mulheres. Em diálogo com o autor, ele nos apresenta que: “houve mobilização ou requisição de mulheres, inclusive voluntárias, para servirem nas formações militares e até mesmo desempenharem missões como combatentes na Rússia e nos países da Europa Oriental” (Caire, 2002, p. 55).

Na Rússia, o marco das primeiras pilotos militares ocorreu entre 1917, durante a guerra contra a Alemanha. A piloto Liubov Galanchikova bateu o recorde de altitude com um Fokker (2.200 metros) em 1912 e escoltou aviões em missões. Além dela, a princesa Dolgoroukaia foi piloto-observadora do esquadrão aéreo de reconhecimento do 26º Corpo de Aviação do Czar, e, em 1918, Natalia Bervy tornou-se a primeira piloto do Exército. No segundo conflito mundial, a partir de 1938, houve uma reverência às organizações femininas militarizadas. Raymond Caire nos traz dados importantes a serem considerados:

Na Turquia, o Parlamento chegou a visualizar a possibilidade de uma mobilização geral das mulheres graças a um serviço militar obrigatório. As mulheres de 26 a 40 anos de idade, segundo o projeto, deveriam ser concitadas a portar armas e combater no front. As outras mais jovens (a partir de 16 anos) e as mais idosas (até 60 anos) prestariam serviços na retaguarda (Caire, 2002, p.83).

Antes mesmo da guerra de 1939, houve uma intensa preparação dos jovens na Rússia (tanto mulheres quanto homens), além do governo ter instituído um registro militar para as mulheres. Entre elas, estavam enfermeiras que passaram por cursos militarizados da Cruz Vermelha, além de outras especializações, como cita Caire: “As mulheres diplomadas pelos cursos de estado-maior, empregadas na administração e nas academias militares, onde ocupavam postos oficiais, deviam também se sujeitar a tal registro” (Caire, 2002, p. 102).

No entanto, ainda era necessário passar por exames médicos para atestar aptidão e entrar no Exército Vermelho. As mulheres também tinham acesso a livretos com informações essenciais para a incorporação, e havia um recorte de idade, entre 18 e 45 anos, que variava de acordo com o cargo e a posição. Seguindo essa linha, o autor sublinha as admissões no Exército Vermelho em 1938: “Paulina Ossipenko, Valentina Grizodoubova e Marina Raskova; elas bateram, em 24 de setembro de 1938, o recorde mundial de distância, voando sem escala de Moscou a Khabarovsk (6.450 km) a bordo de um Soukhoi - o Rodina (Pátria)” (Caire, 2002, p. 104).

O destaque da Segunda Guerra Mundial, principalmente no que se refere à URSS e aos países da Frente Oriental, em relação à participação das mulheres na guerra, deve-se também ao fato de que, na Rússia, as mulheres vivenciaram uma realidade sensível em todas as frentes. A Rússia se destacou em comparação com a Europa Ocidental e a América, onde as mulheres atuaram como auxiliares, e não no combate direto. Assim que a Rússia entrou na guerra, Marina Raskova criou um grupo feminino de aviação, que inicialmente foi composto por três regimentos: o 586º Regimento de Caças de Interceptação e Defesa Aérea, o 125º Regimento de Bombardeios Diurnos e o 588º Regimento de Bombardeios Noturnos. Os dois primeiros eram mistos, com presença masculina, enquanto o terceiro permaneceu exclusivamente feminino até o fim.

Além do protagonismo e ineditismo no alistamento de mulheres, a Rússia se destacou por uma intensa militarização feminina, marcada pelo mito da mulher guerreira, difundido na Rússia, de que as mulheres eram naturalmente fortes e guerreiras. A imprensa soviética também contribuiu para a difusão da imagem da mulher militarizada, especialmente nas décadas de 1920 e 1930. Adrienne Marie Harris aponta:

Ao longo das décadas de 1920 e 1930, revistas populares publicaram contos e poemas com mulheres guerreiras, como -рослая, красивая, нахмуренная девка ("garota alta, bonita e carrancuda") em "Agripina Chebrets", um trecho de A novela de Aleksei Tolstói, "Хлеб", de 1937, uma fuzileira na Guerra Civil.<sup>73</sup> Como em *And Quiet Flows the Don*, de Sholokhov, embora o comandante, Parkhomenko, inicialmente resiste à integração de uma mulher

no distanciamento exclusivamente masculino, ele aceita Agripina depois de ela exigir persistentemente e com raiva um rifle: -дайте винтовку, хриповато, молодым голосом, мрачно сказала девушка и подняла на него красивые, сердитые глаза под темными бровями ( me de um rifle, melancolicamente disse a jovem com uma voz jovem e um tanto rouca enquanto levantava para ele o seus olhos lindos e raivosos sob sobrancelhas escuras) (Harris, 2008, p.40).

Ainda de acordo com a autora, os anos de 1936 a 1938 foram essenciais para a propaganda e a campanha de militarização. Harris destaca, principalmente, a atuação das revistas populares, que utilizavam também fotografias para intensificar a difusão dessas representações: “Através de fotografias e artigos, os editores apresentaram mulheres armadas de uma maneira que transmitia não apenas a igualdade dos sexos no campo de batalha e a natureza coletiva da militarização, mas também a compatibilidade entre mulheres e guerra” (HARRIS, 2008, p. 50). Toda essa mobilização construiu uma imagem de celebridade para a mulher militar. Harris (2008, p.66) argumenta: “A militarização da década de 1930 evidencia a influência que as imagens da mídia tiveram sobre a geração de mulheres que se tornaram pilotos de caça na Segunda Guerra Mundial”.

De acordo com Débora Bem Borges e Giovana Bem Borges (2022), desde as primeiras décadas após o primeiro conflito mundial houve uma flexibilização em relação aos direitos femininos, como educação, divórcio, salário e maternidade, entre outras medidas jurídicas. Caire (2002) destaca a atuação de Lenin nesse processo de flexibilização, reconhecendo que a emancipação feminina poderia contribuir para o sucesso na Primeira Guerra. Tratava-se de uma política de gênero e da construção de uma “Nova Mulher”, que teria direitos “iguais” aos dos homens, mas que ainda estaria submetida à separação de papéis do que seria considerado feminino e masculino em seus lares. Nesse sentido, Elena Sahnó afirma: “A mulher soviética deveria ser uma "amazona" no trabalho e nas esferas públicas, e seguir o padrão "tradicional" na sua vida privada” (Sahnó, 2017, p. 26). A autora também aborda a militarização das mulheres, destacando que a URSS, além de promover mudanças de conduta, investiu em questões visuais e verbais. De acordo com Sahnó:

Na época de "Comunismo de Guerra" era comum que as mulheres comunistas e funcionárias do aparato estadual usassem fardas do Exército Vermelho, casacos masculinos de couro, botas de borracha e chapéus masculinos. O símbolo visual menos radical da incorporação das idéias novas era o modo de usar o lenço. A parte tradicional do traje de mulher trabalhadora era o lenço na cabeça prendido com um nó embaixo do queixo, cobrindo assim o cabelo todo (Sahnó, 2017, p.26-27).

Desse modo, como apresentado anteriormente, essa reestruturação do papel feminino na sociedade russa e a busca pela igualdade entre os gêneros possuem elementos singulares. A inserção das mulheres no mercado de trabalho e na mão de obra, bem como a ocupação de cargos tradicionalmente masculinos, mostra uma articulação entre o feminino e a vida pública. Mesmo assim, as mulheres ainda estavam reservadas para cuidar da casa e dos filhos, exercendo o papel da chamada “Nova Mulher”. Para Elena Sahno: “Em geral, observando as mudanças da conduta feminina ocorridas na sociedade russa dos anos 1917 a 1922, podemos perceber uma tendência importante: massas de mulheres entraram nas esferas tradicionalmente masculinas: política e guerra” (Sahno, 2017, p. 77).

Nesse sentido, quando a URSS foi invadida pela Alemanha nazista, em 1941, houve um grande recrutamento de mulheres, permeado pelos ideais de igualdade e nacionalismo. Miner (2018, p. 42) aponta: “A disponibilidade da liderança soviética para destacar as mulheres numa grande escala é frequentemente atribuída ao compromisso ideológico do regime comunista com a igualdade de gênero”.

As mulheres atuaram em diversas áreas de combate, ocupando funções como enfermeiras, motoristas de tanques, operadoras de rádio e também franco-atiradoras. Delance (2016) nos apresenta o exemplo da franco-atiradora Lyudmila Pavlichenko, que serviu no exército soviético e se tornou uma das atiradoras mais condecoradas de qualquer lado da guerra. De acordo com Elena Sahno (2017), além da militarização, houve também uma intensa propaganda soviética voltada para as mulheres, promovida pelo partido bolchevique, que tinha o objetivo de popularizar suas ideias de forma rápida. O partido começou selecionando grupos-alvo, que posteriormente assumiram cargos de liderança e transmitiriam as informações para outros. A autora aponta:

A propaganda entre mulheres era feita por mulheres. Desde 1914 ano o órgão central de propaganda dos bolcheviques entre mulheres era a revista feminina "Trabalhadora" (Работница). A redação da revista era composta por mulheres de origens sociais diferentes as intelectuais de origem burguesa Kollontai, Armand, Krupskaya, a irmã de Lenin Anna Elizarova e ex-operárias como Anna Artukhina que era tecelã, trabalhava na fábrica desde os doze anos de idade e se filiou ao Partido Bolchevique, estudou na escola partidária no Zurique (o partido tinha criado canais de mobilidade vertical) e tornou-se uma das autoras mais ativas da primeira revista feminina da Rússia (Sahno, 2017,p.53).

Dessa maneira, além da inserção das mulheres no mercado de trabalho, por meio da alfabetização e da transmissão oral através de revistas, também existia uma escola feminina

onde se ensinava a doutrina marxista e bolchevique. Ainda de acordo com a autora Sahnó: “As divulgadoras passavam nas empresas onde a maioria dos trabalhadores eram mulheres, liam a revista e faziam reuniões políticas. Na época pré-revolucionária, a revista era clandestina e as divulgadoras foram perseguidas” (Sahnó,2017, p.53-54). Além disso, após a revolução, a revista tornou-se um modelo para a divulgação de propagandas comunistas entre as mulheres. Considerando as mudanças na legislação com relação aos direitos das mulheres promovidas pelo governo soviético, a revista foi central na disseminação desses “direitos” e “deveres”.

A propaganda foi essencial para o desenvolvimento de ideias revolucionárias e para tratar de assuntos de interesse do público feminino, como a crítica à família patriarcal, temas relacionados à violência doméstica, propaganda antirreligiosa, libertação dos cuidados do lar e a reorganização dos papéis femininos e masculinos no espaço doméstico. Houve também cartazes políticos que promoviam a participação das mulheres em debates políticos e históricos na URSS. De acordo com Sahnó:

A mulher era guiada por todos os lados: pela mídia impressa, pelo cartaz da rua, ensinada no lugar de trabalho ou no curso de estudos, como também nas reuniões da vizinhança com um propagandista do Partido Comunista. Em todos os pontos sempre apareciam as informações e os conselhos ligados com o dia-a-dia das mulheres. A cultura soviética, diferente de todas as culturas do mundo, não tinha mais seu passado. O modo tradicional de socializar-se através dos conhecimentos que vêm das pessoas da geração anterior não existia mais. Para compensar isso era feito um "ataque cultural" (existia esse termo na época da "revolução cultural") que deveria preencher a maioria das lacunas informativas. O sistema legal e o de educação complementam-se um ao outro na execução da gigantesca tarefa da transformação das massas humanas (Sahnó, 2017, p.65).

A partir disso, conclui-se por que as mulheres soviéticas tiveram tanto destaque quando o assunto é a Segunda Guerra Mundial. O público feminino foi uma categoria essencial para o governo, tanto na transformação da mulher na “Nova Mulher”, ocupando posições de destaque, quanto na dupla exploração. A mulher soviética foi direcionada pela lógica de que trabalho e emancipação estavam intrinsecamente ligados, sendo um necessário para se alcançar o outro. Assim, um conjunto de fatores — educação, propaganda e mídia — procurava adequar as mulheres aos novos moldes da mulher soviética: uma mulher trabalhadora, política e duplamente empenhada.

Desde cedo, as mulheres soviéticas eram incentivadas a ocupar posições de combate e a assumir papéis tradicionalmente masculinos. O governo, ao flexibilizar a legislação e inserir novos direitos e deveres para essas mulheres, as inseriu desde cedo na

lógica do trabalho e da luta em igualdade com os homens, inclusive em espaços políticos, pelo menos em tese. A União Soviética empenhou-se na disseminação de ideias sobre emancipação, igualdade de gênero e protagonismo feminino, ainda que de forma superficial, com o objetivo de obter maior mobilização e recrutamento quando necessário para o esforço de guerra — e foi isso que aconteceu. Diferente de outros países, a URSS foi a que mais recrutou mulheres para o esforço de guerra, e, até mesmo em comparação com alguns países da Europa Oriental, foi a única a fazê-lo em tal escala.

## 1.2 O GÊNERO E A GUERRA: DEBATES

Na pesquisa histórica, o conceito de gênero desempenhou um papel fundamental ao sexualizar as relações que, por uma longa tradição historiográfica, eram tomadas como biológicas ou naturais. A partir disso, tanto a produção historiográfica quanto as subjetividades passaram a ter seus aspectos sexuais e de construção histórica examinados. De acordo com Margareth Rago: “O gênero tornou-se um instrumento valioso de análise que permite nomear e esclarecer aspectos da vida humana com que vínhamos trabalhando, impulsionados pela pressão dos próprios documentos históricos” (Rago, 1998, p.93).

Dessa maneira, gênero e guerra têm uma relação mais intrínseca do que se imagina. A guerra, sendo permeada por experiências, muitas vezes femininas, ocupa um lugar complexo quando se observa essas relações. Não se pode entender a atuação das mulheres na guerra sem compreender as nuances que entrelaçam essas duas categorias. O conceito de gênero é amplo e não se refere apenas à categoria "mulher"; ele pode ser percebido em diversos outros âmbitos, estendendo-se a mecanismos sociais de controle e poder. Nesse sentido, Scott define:

Minha definição de gênero tem duas partes e diversos subconjuntos, que estão inter-relacionados, mas devem ser analiticamente diferenciados. O núcleo da definição repousa numa conexão integral entre duas proposições: (1) o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos e (2) o gênero é uma forma primária de dar significado às relações de poder" (Scott, 1995, p.86).

Além disso, assim como Scott define o gênero como constituído por diversas relações sociais, a historiadora Carol Cohn (2013, p. 02) fala sobre a diversidade das guerras e, sobretudo, dos indivíduos presentes nelas. Ela frisa a importância de entender as mulheres

como: "indivíduos cujas identidades, opções e experiências são moldadas por fatores como idade, raça, classe, tribo, casta, etnia, religião, sexualidade, capacidade física, localização, estado de cidadania e identidade nacional".

Portanto, é interessante perceber a amplitude tanto do conceito de gênero quanto do fenômeno da guerra e como a fusão entre ambos é permeada por múltiplos fatores. As experiências das mulheres, muitas vezes relatadas de forma superficial, precisam ser compreendidas em suas especificidades e nos contextos em que se inserem. Carol Cohn sublinha como o gênero molda identidades e a vida dos indivíduos:

O gênero é uma estrutura social que molda identidades e vidas individuais. Ele molda como as pessoas se veem e são vistas pelos outros, influencia as atividades cotidianas e o trabalho remunerado em que as pessoas provavelmente se envolveram. Também molda os recursos materiais e culturais aos quais elas têm acesso e os tipos de poder e autoridade que podem exercer. Além disso, o gênero estrutura o universo institucional e simbólico que habitamos, e os processos materiais como crescimento ou declínio econômico, "globalização", militarização ou mudança climática que constituem o contexto e as condições em que nossas vidas se desenrolam" (Cohn, 2013, p.04).

A partir dessa perspectiva, Cohn se debruça sobre três fenômenos interligados que ajudam a entender as experiências de guerra de mulheres e homens sob a ótica do gênero: as identidades de gênero, as estruturas sociais de gênero e os símbolos de gênero. Esses três aspectos constituem o gênero como uma estrutura social que organiza o poder e hierarquiza as relações. No entanto, esses fenômenos são direcionados às relações ocidentais, pois, em sociedades orientais, o gênero é mediado por aspectos culturais, políticos e históricos mais intrínsecos.

De acordo com Elena Sahnó (2017, p. 85), a população russa era composta por diversos grupos étnicos: "Além dos povos eslavos, cuja cultura tem origem na religião cristã, o território russo abrigava povos islâmicos, pagãos, judeus e budistas. Em geral, na Rússia há mais de 180 nacionalidades". O governo bolchevique buscou homogeneizar essa diversidade, transformando todos em "povo soviético", promovendo a adoção de estilos de vida europeus e valores socialistas.

É importante notar que, em algumas sociedades orientais, os papéis de gênero são mais acentuados e moldados com maior rigidez. Bell Hooks (2023) discute como as sociedades ocidentais, capitalistas e de supremacia branca também são moldadas pelo pensamento

neocolonial, influenciando as práticas sociais, inclusive a definição de quem detém o poder sobre territórios e governança.

No contexto do colonialismo, iniciado no século XV, o período das grandes navegações e "descobrimientos" de territórios ainda influencia as relações entre países, grupos sociais e identidades. Essas relações, ancoradas no neocolonialismo, perpetuam uma lógica imperialista que mantém formas de opressão e dominação. Essas dinâmicas são visíveis nas desigualdades contemporâneas em relação à raça, gênero, território e posição social. Portanto, os estudos pós-coloniais se concentram tanto em uma renovação epistemológica quanto na investigação dos problemas enfrentados por populações que sofreram invasão ou deslocamento forçado. Said (2011) destaca que a análise pós-colonial é crucial para entender as dificuldades enfrentadas por países que obtiveram independência recentemente.

Essas práticas coloniais e o imperialismo, caracterizados pela supremacia branca e masculina, promovem a marginalização de povos e servem como instrumentos ideológicos de controle. Esse cenário também impactou os primeiros movimentos feministas, que inicialmente excluíram as mulheres não brancas e trabalhadoras de suas pautas, concentrando-se em uma luta liderada por mulheres brancas e conservadoras. Bell Hooks, ao discutir a descolonização do feminismo, destaca:

As feministas ocidentais, brancas e negras, ainda lutam para descolonizar o pensamento e a prática feminista, de forma que questões como circuncisão feminina, clubes de sexo na Tailândia e véus no Oriente Médio possam ser abordadas sem resgatar o imperialismo ocidental" (Hooks, 2023, p.78).

Nesse contexto, a emancipação feminina na Rússia soviética foi vista como uma forma de incluir mulheres de diferentes etnias, rompendo com sistemas patriarcais e sexistas que subordinavam as mulheres aos homens. Sahnó (2017) enfatiza que, no período da Revolução, as mulheres de grupos islâmicos e pagãos eram frequentemente subordinadas a formas violentas de controle masculino. A análise de gênero, segundo Cohn, revela que as identidades de gênero são moldadas por sistemas que valorizam certos indivíduos e desvalorizam outros, utilizando-se de ideologias que justificam e perpetuam essas desigualdades. Isso se reflete nas hierarquias de poder entre homens e mulheres, especialmente em contextos de guerra, onde a masculinidade hegemônica é usada como instrumento de dominação.

Connell e Messerschmidt (2013) chamam essa masculinidade dominante de "hegemônica", uma ideologia que legitima a violência e opressão, inclusive entre homens que

não se enquadram nesse padrão de masculinidade. Em períodos de guerra, o enfraquecimento da masculinidade do inimigo, como destaca Cohn (2013), se manifesta em táticas de humilhação e violência sexual. Essas dinâmicas revelam como o gênero, ao ser associado a categorias como guerra e paz, estrutura simbolicamente o poder. A guerra, tradicionalmente ligada à masculinidade, é vista como ação e violência, enquanto a paz é associada à feminilidade, como passividade e tranquilidade. Além disso, a ideologia nacionalista frequentemente representa a nação como mulher, justificando violações de corpos femininos em contextos de conflito.

Em conclusão, as relações entre gênero e guerra, especialmente no contexto russo, são moldadas por fatores históricos, sociais e estruturais. Essas relações são complexas e multifacetadas, e a colonialidade de gênero continua a impactar a forma como homens e mulheres são representados e controlados em movimentos sociais e conflitos. Como sugere Lugones: "Toda forma de controle do sexo, da subjetividade, da autoridade e do trabalho existe em conexão com a colonialidade" (Lugones, 2020, p.56).

### 1.3 - AS MULHERES NO FRONT: IDEOLOGIA, ESTRATÉGIA E PIONEIRISMO

A mulher tem suas lutas e seus lugares de protagonismo político desde cedo, e as conquistas que emergem a partir desse lugar, como o acesso à educação, ao voto, ao direito de trabalhar e à independência, são inegáveis. Obviamente, algumas delas partem de lugares privilegiados de letramento político, acesso à educação, cor e com isso impactam os espaços de domínio masculino. O caso soviético não foge muito disso, considerando o longo processo de inserção feminina e protagonismo político e social.

A questão feminina russa surge desde a Guerra da Crimeia (1853 a 1856) com a presença do educador e cirurgião Nikolai Progov, que insistiu na ideia de enviar enfermeiras. Além disso, a derrota da Rússia abriu horizontes sobre questões sociais, sendo o feminino uma delas. Dessa forma, a partir de Senna (2016), podemos compreender que a questão feminina desencadeou uma série de processos na sociedade russa, como o movimento feminista, niílista, populista, bolchevique e, por fim, stalinista, que teve seu papel como estratégia e retorno a uma antiga ordem de gênero.

O movimento feminista visava uma reforma gradual, de caráter liberal e moderado. Esse movimento tinha intenções de ser pacífico não só na sua forma de agir, mas também nas mudanças contidas com relação à posição econômica e educacional da mulher, não abordando

questões como sexo, família e casamento. Tais lutas conseguiram um sucesso significativo com relação à educação universitária.

Senna (2016) aponta que a sociedade russa estava atrasada em relação aos direitos femininos. As mulheres não tinham nem sequer o status de cidadã, estando reservadas a seguir o marido e obedecê-lo, tendo sua posição equivalente à de escrava. Dessa forma, a Rússia teve suas bases abaladas por esse movimento que inseriu o feminino no ensino superior, ao lado dos homens. Assim, essa revisão não só envolveu a ação desse grupo marginalizado, mas também partiu de uma postura de avanço, considerando que a Rússia tinha um desenvolvimento atrasado em relação a outras nações.

Outro marco é o movimento niilista, que contestava a ordem dita natural dos sexos e se opunha a esse pensamento retrógrado de desigualdade. Ao contrário do niilismo, o populismo se configurava como um movimento social e coletivo de classes, principalmente a trabalhadora, com ênfase na inserção do povo no poder, e tinha como principal sujeito o trabalhador, igualando a subjugação feminina à do trabalhador.

Devido a todos esses movimentos políticos e sociais, as mulheres geraram novas perspectivas femininas para as gerações seguintes, trazendo consigo a representação da “Nova Mulher”, o que moldou também um novo movimento, o bolchevique, que enfatizava a presença da mulher no espaço público. O ambiente russo vinha sendo agitado desde 1917 com o fim do regime czarista, e, a partir disso, algumas mudanças começaram a emergir com relação ao público feminino. Com a mudança de governo e a retirada da censura, foi colocada em discussão a “Questão da mulher”.

A partir da revolução ocorrida em março de 1917, ocorreu a tomada de poder pelos bolcheviques, trazendo grandes impactos sobre o cenário russo entre 1921 e 1922, após o fim do conflito. De acordo com Goldman (2014), os bolcheviques apresentaram soluções para a opressão direcionada às mulheres; no entanto, houve diversas complicações com relação à elaboração de seus ideais. Nesse sentido, eles tinham o intuito de remover completamente o serviço doméstico e transferi-lo para além do lar, colocando-o nas mãos do Estado. Portanto, os bolcheviques não almejavam uma reconfiguração de gênero no centro familiar; seu objetivo era tirar o serviço doméstico do núcleo familiar e torná-lo público, afastando assim os homens de qualquer instinto de repartição de tarefas com as mulheres.

Outro ponto seria a questão da liberdade feminina ligada apenas ao ingresso no mundo do trabalho assalariado, em vez de reconhecer o papel feminino e seu valor no espaço doméstico. Eles apresentaram uma postura de desprezo e desvalorização desse trabalho, enfatizando que as mulheres teriam seu lugar de liberdade apenas se estivessem fora desse

ambiente, colocando-as em pé de igualdade com os homens, mais especificamente com o trabalhador. Contudo, não foi bem assim: as mulheres ainda estavam reservadas ao ambiente doméstico, além de estarem expostas a desvalorização salarial, dupla jornada de trabalho e precariedade na vida social. Isso não só revela a atribuição feminina e sujeição ao lar, mas também uma questão histórica de desligamento feminino dos espaços reservados ao masculino e seu papel de desestabilização nesses lugares historicamente privilegiados. De acordo com Goldman (2014):

Os homens começaram rapidamente a se organizar para manter as mulheres fora dos ofícios, argumentando que mulheres trabalhadoras rebaixavam os salários e tornavam impossível para um homem sustentar sua família. Organizaram greves importantes em 1827 e 1830 para, em certa medida, excluir as mulheres do trabalho (Goldman, 2014, p.35).

Foi nesse período que a questão feminina se tornou mais notória devido ao ideário marxista de igualdade. É alarmante como, mesmo com movimentos que pregavam a igualdade e a liberdade feminina, o doméstico estava sempre intrinsecamente ligado às mulheres, sendo a questão central reservada ao cuidado do lar, da maternidade e do marido. Isso remete não apenas a uma tradição patriarcal russa, mas também a construções sociais que delimitavam espaços e privilégios completamente discrepantes. Embora os bolcheviques não pudessem libertar as mulheres apenas com um fortalecimento de políticas estatais e econômicas, eles conseguiram colocar em prática alguns planos, enquanto outros ficaram apenas no papel.

De acordo com Senna (2016), as conquistas referentes ao feminino alcançadas por esse quadro revolucionário foram além de seu tempo, algumas até hoje se encontram em discussão. Dessa forma, algumas dessas conquistas legais, como a "igualdade de direitos entre todos os trabalhadores soviéticos", o direito de eleger e ser eleito independentemente de diferenças, raça, sexo, religião ou nacionalidade, a obrigação de trabalho para todos sem distinção, e transformações sociais mais enraizadas, como o processo de divórcio independente da vontade mútua, pensão alimentícia, licença maternidade e aborto tido como questão de Estado, foram conquistas que visavam dar dignidade à mulher e alcançar uma igualdade até certo ponto com os homens. O autor ainda conclui que: "Entende-se que as transformações legislativas foram uma das formas do novo governo responder à questão feminina e as soluções apresentadas foram, de fato, progressivas para a situação das mulheres" (Senna, 2016, p. 271).

Embora houvesse alguns avanços e retrocessos, a sociedade soviética ainda avançou em alguns aspectos femininos. O governo a partir de ideias do mundo russo

pré-revolucionário, e sua forte insistência no papel materno das mulheres, ainda permitiram que elas tivessem um protagonismo significativo. Senna comenta:

Mulheres motoristas de ônibus, caminhões, trens e até naves espaciais proliferaram na União Soviética. Mulheres médicas, e não apenas enfermeiras; mulheres professoras, e não apenas do ensino primário; mulheres com cargos que historicamente não ocupavam; com funções que historicamente pertencem aos homens (Senna, 2014, p.276).

As mulheres soviéticas tinham ambições que iam além da propaganda massiva do governo. A história construída e atrelada a elas sempre idealizou seu papel, embora isso tenha sido colocado em questão quando as mulheres conseguiram entrar nos espaços de poder masculino. Essas idealizações permaneceram até que as mulheres inflamaram tais ideologias indo ao campo de guerra; os reflexos da difusão do ideário pré-revolucionário perduraram por toda a trajetória feminina na guerra. Harris (2008, p.69) aponta que a duração do treinamento feminino de pelo menos uma década e a ansiosa espera para entrar em combate fizeram com que essas mulheres tivessem que aguardar para defender a pátria, enquanto seus camaradas do sexo masculino, com quem estudaram aviação e armamento, foram imediatamente aceitos no Exército Vermelho.

De acordo com Miner (2018), a ida de mulheres da URSS para os Serviços Armados durante a Segunda Guerra Mundial teve grandes proporções. Cerca de 900.000 mulheres soviéticas ingressaram nas forças armadas em tempo de guerra, com aproximadamente 580.000 a servir no Exército Vermelho. Desse modo, a Rússia já tinha experiência anterior com mulheres em serviço, com um pequeno contingente de unidades femininas que lutaram na Primeira Guerra Mundial, o mais famoso sendo o "Batalhão da Morte Feminino".

Miner (2018) ainda mostra que, durante a Guerra Civil Russa de 1917-21, as mulheres constituíram 2% do Exército Vermelho, e o emprego em massa de mulheres nos Serviços Armados pelos soviéticos durante 1941-45 superou amplamente esse número. Esse tema das mulheres nas forças armadas soviéticas tem um significado histórico tanto por sua atuação quanto por seu destaque durante todo o processo. É interessante notar que a liderança soviética ao destacar mulheres e atribuí-las em grande escala às forças armadas é frequentemente associada ao compromisso ideológico do governo soviético em prol da igualdade de gênero. Essa mobilização feminina também é por vezes citada e fixada como

prova de que o Estado soviético autoritário, em tempos de guerra, foi capaz de aproveitar seus recursos humanos e materiais para a luta. No entanto, não foi dessa maneira. Harris comenta:

Ao longo do final da década de 1920 e 1930, as revistas publicaram fotografias que apresentavam mulheres jovens, parecendo felizes e confiantes, orgulhosas de suas conquistas. As imagens da mídia promoviam mulheres fortes, capazes e confiantes, que supostamente se beneficiam dos direitos iguais concedidos pelo regime soviético. Essas mulheres eram vistas como verdadeiras filhas da União Soviética e do Partido Comunista (Harris, 2008, p.66).

No entanto, uma série de documentários e produções retrataram o serviço feminino em unidades de combate russas como algo comum na guerra. Além disso, essa mobilização estava longe de ser uma política bem executada; a movimentação soviética das mulheres para as forças armadas foi hesitante, confusa, ineficiente e cruel, refletindo os problemas sociais e governamentais do estado estalinista. Steven Miner (2018) comenta algumas das estratégias governamentais:

É certo que a Constituição Soviética de 1936 garantia às mulheres "direitos iguais aos dos homens em todas as esferas da economia, estado, vida cultural, social e política", mas o mesmo documento também proclamava a liberdade de expressão e de reunião. O regime soviético eliminou barreiras formais contra a entrada de mulheres em profissões que haviam sido fechadas ou restritas sob o regime czarista, e o salário igual para trabalho idêntico era a norma em toda a sociedade soviética, incluindo o exército. O regime encorajou ativamente as mulheres jovens a entrar na força de trabalho, em parte porque o estado precisava de mão-de-obra feminina (Miner, 2018, p.44).

Sendo assim, tanto os homens quanto as mulheres da Komsomol estavam mais dispostos a receber formação militar, pois o regime os considerava o principal atributo da sua geração futura. A participação feminina em movimentos sociais e seu letramento político questionaram o poder absoluto, mexendo nas estruturas de gênero, mesmo que com pouca notoriedade.

De acordo com Miner (2018), as estatísticas da era soviética mostram que 220.000 mulheres jovens receberam pelo menos algum treinamento básico de tiro ao alvo antes da guerra. Por outro lado, tanto a Alemanha nazista quanto a Grã-Bretanha democrática proibiram a participação feminina no combate e especificamente proibiram as mulheres de disparar armas de fogo. Dessa maneira, de acordo com Steven Miner (2018) a URSS não tinha tais proibições, e aproximadamente 1.000 mulheres serviram ao exército em junho de 1941, menos

do que na Alemanha nazista ou no Reino Unido, que não tinham mulheres em unidades de combate. Quando a guerra começou, milhares de jovens mulheres apareceram nas estações de recrutamento do exército em busca de se voluntariar. A maioria dos oficiais de recrutamento orientou essas mulheres a retornar para casa e aguardar uma convocação do Estado. Embora um pequeno número delas tenha ingressado nas fileiras do Exército Vermelho nessa época, as demais foram mandadas de volta para casa. Miner discute:

Em suma, é enganoso generalizar a opinião popular ao longo da URSS com base nos motivos declarados das mulheres do Exército Vermelho. A maioria das mulheres no serviço militar eram voluntárias e constituíam um grupo auto-selecionado que era, por definição, mais empenhado no esforço de guerra e mais solidário com o regime do que a população em geral (Miner, 2018, p.47).

O autor ainda aborda sobre o que aconteceu em 2 de outubro de 1941, iniciou-se uma crise militar soviética. A Wehrmacht lançou o que Hitler esperava ser o assalto final a Moscou, e em 16 de outubro, o pânico, os motins e os saques varreram a capital, durando vários dias. Stalin ordenou a evacuação de ministérios do governo e fábricas de defesa, resultando na fuga de metade da população da cidade. Miner contextualiza:

Em meio a essa crise, em 8 de outubro de 1941, o GKO (Gosudarstvennyj Komitet Oborony, ou Comitê Estatal de Defesa) ordenou a criação de três novos regimentos aéreos, a serem totalmente recrutados por aviadoras e tripulação de terra. Esses deveriam ser os primeiros regimentos de combate inteiramente femininos da URSS (Miner, 2018, p.48).

Além disso, uma figura de extrema importância é Marina Raskova, uma pioneira da aviação pré-guerra. Raskova pressionou as autoridades para que as mulheres pudessem ingressar no serviço militar e ir à linha de frente, aproveitando as competências das mulheres que haviam aprendido a voar antes da guerra. Ela foi apoiada por uma campanha de cartas de muitas mulheres ansiosas para servir. No entanto, Miner (2018) comenta que, se Raskova teve alguma influência em tempo de guerra com Stalin, ela provavelmente a exerceu por meio de terceiros, pois o diário de nomeações do ditador em tempo de guerra não indica que ele a conheceu antes da decisão de outubro. Uma história recente argumenta que a iniciativa veio, em vez disso, da liderança Komsomol e que a advocacia de Raskova apenas ajudou.

Ainda de acordo com o autor, a criação de esquadrões aéreos femininos, em outubro, não teve um impacto imediato no recrutamento feminino. Em janeiro de 1942, havia

menos mulheres servindo no Exército Vermelho do que no exército britânico ou no exército alemão. Assim, por mais otimistas que fossem os líderes soviéticos, a guerra tornou-se um conflito prolongado, exigindo os esforços totais de todos. O governo soviético, portanto, percorreu todos os cantos da sociedade em busca de recursos pessoais para aproveitamento. Foram emitidas normas alimentares que forçaram milhões de mães que ainda não trabalhavam fora de casa a escolher entre entrar nas frentes de defesa ou ver suas famílias morrerem. Steven Miner enfatiza:

O governo soviético começou a induzir as mulheres a integrar as forças armadas em grande escala no meio desta terrível emergência nacional de 1942, não em resposta a um surto espontâneo de entusiasmo patriótico, nem devido a qualquer prolongamento do compromisso com a igualdade de gênero (Miner, 2018, p.53).

Em contrapartida, a partir de março, Moscou emitiu uma série de ordens e decretos destinados a substituir todos os soldados homens na frente com mulheres, incluindo adolescentes, e a retirar todos os homens soldados anteriormente destacados para funções logísticas e de apoio. Além disso, em 26 de março, o Commissariado Popular da Defesa (NKO) emitiu a ordem nº 0058, dirigindo 100.000 mulheres Komsomol para substituir homens como pessoal antiaéreo. Um decreto de abril ordenou que, no prazo de um mês, 5.856 mulheres substituíssem os soldados masculinos em todas as formas de comunicação do exército, do rádio ao telefone e telégrafo, até o serviço postal. No dia seguinte, o NKO decretou que as mulheres substituíssem os homens em todas as posições de secretariado militar. Quatro dias depois, Moscou ordenou que as mulheres soldados substituíssem todos os atiradores que guardavam as posições traseiras e fortificações.

Apesar da representatividade e do amplo recrutamento feminino, a cultura política estalinista era violenta, concebida para fomentar o medo e a divisão; pouco fez para conter ou erradicar abusos e ainda permitia o poder incontrolado dos oficiais e das forças de segurança, que fomentam comportamentos violentos protegidos. De acordo com Steven Miner:

Apesar da retórica hiperbólica do regime sobre gênero e igualdade, e apesar dos muitos soldados e oficiais individuais que abraçaram esses conceitos, o regime pouco fez para desafiar as noções sociais generalizadas sobre o status subordinado da mulher, que tinha raízes profundas no patriarcado e na cultura camponesa. Mais importante ainda, a sociedade soviética não possuía instituições comuns em democracias que, em conjunto, oferecessem alguma proteção contra abusos (Miner, 2018, p.57).

Dessa forma, houve decretos que ordenavam às mulheres substituir os homens em todas as funções não comerciais, incluindo marinha, marinha mercante, transporte de caminhões, entrega de tanques recém-fabricados em depósitos ou na frente, e, sempre que possível, em todos os serviços médicos do exército. Nessas situações, algumas das mulheres que eram membros da Komsomol não eram voluntárias, mas recrutas. O regime via essas adolescentes como sujeitas à disciplina do Partido Comunista e, portanto, à missão obrigatória. Katherine argumenta:

A inegável evidência de que o Estado soviético permitiu e encorajou as mulheres a se prepararem para papéis de combate através da educação, treinamento e representações populares das mulheres em combate no período pré-guerra sugere que a mobilização das mulheres não foi apenas uma resposta direta às necessidades militares imediatas, mas sim uma forma nova e em desenvolvimento para as mulheres defenderem a "pátria". O discurso de gênero na União Soviética estava, então, focado principalmente em como as mulheres poderiam servir ao Estado comunista através de suas identidades de gênero (Decoste, 2019, p. 10).

Pode-se concluir, portanto, que o protagonismo feminino soviético possui algumas especificidades. Inicialmente, seria uma forma de representar o esforço na luta pela pátria e o aproveitamento de todos os recursos disponíveis. Além disso, toma forma e estratégia como uma ideologia de igualdade de gênero, de superação de uma ordem imposta e de papéis de gênero historicamente estabelecidos, sendo desmistificada pela ideologia comunista que enfatizava uma igualdade entre o masculino e o feminino. No entanto, isso não se concretizou completamente; foi uma história de muitas controvérsias e estratégias retomadas.

Assim, o impacto feminino não se restringiu aos campos de batalha e combates, estendendo-se também à família, o que já vinha sendo alterado desde a Revolução Bolchevique, com a entrada das mulheres no mercado de trabalho e sua desvinculação do lar. Embora Stalin tenha idealizado a mulher soviética como a combinação do modelo patriarcal pré-revolucionário czarista com a mulher moderna que trabalha e participa da vida social além do lar, é importante frisar que essas mudanças não ocorreram para todas. A sociedade era desigual e a guerra, ainda mais. A guerra não foi gloriosa para todas, nem sua recepção e atuação durante e após o período.



## **CAPÍTULO 2: MEMÓRIAS EM DISPUTA: MEMÓRIAS: A ATUAÇÃO FEMININA ANTES, DURANTE E PÓS GUERRA**

### **2.1 A “GRANDE FAMÍLIA”: MULHERES TRABALHADORAS, PÁTRIA E MATERNIDADE**

A mulher soviética esteve sujeita a outras barreiras além da guerra, principalmente, a trabalhadora. Funções como a maternidade e atividades de cuidado no âmbito doméstico foram por muito tempo consideradas exclusivas dessas mulheres. O governo adotava políticas contraditórias em relação às mulheres no ambiente de trabalho, especialmente para aquelas que também tinham a jornada de maternar. De acordo com Elena Sahnó (2017), a sociedade russa contava com instituições básicas de apoio à maternidade, como licenças para grávidas e recém-paridas, creches e escolas — medidas que faziam parte da primeira etapa de coletivização dos cuidados infantis. Contudo, essas medidas não alcançaram a eficiência pretendida.

Além das políticas de acolhimento para crianças da classe trabalhadora feminina, que não foram bem executadas, o governo também não obteve êxito na reestruturação da família, a qual visava a igualdade no espaço doméstico. Embora isso dependesse da emancipação feminina e da sua participação no espaço público de trabalho, foram negligenciados aspectos como a maternidade e os salários precários. Elena Sahnó aponta:

Os níveis dos salários soviéticos obrigavam as mulheres a trabalhar, pois raramente um homem conseguiria sustentar a família sozinho. Também, funcionavam os instrumentos não-econômicos para forçar as mulheres a trabalhar como as mobilizações para o "exército do trabalho" no tempo do "Comunismo da Guerra" sem contar o controle da vida dos cidadãos exercido nos anos trinta (Sahnó, 2017, p.91).

Nesse sentido, percebe-se como a mulher soviética se dividia entre o trabalho fora de casa e o trabalho doméstico, sendo um remunerado e o outro considerado natural ou normalizado. Ela estava sujeita a três jornadas — maternidade, trabalho doméstico e trabalho remunerado fora do lar —, sem descanso significativo. Isso também impactou a redução no número de filhos, devido à dificuldade das mães em conciliar o trabalho, a vida profissional e o cuidado com os filhos. Portanto, de acordo com Goldman (2015), as mulheres que estavam no mercado de trabalho, sobretudo as mães, enfrentaram muitos problemas, como dependência do

núcleo familiar, principalmente econômica, além de pensões baixas, baixos salários, desemprego, pobreza e prostituição.

Com relação aos direitos civis desde a revolução bolchevique, a liberdade de se divorciar era a principal pauta, e a questão do amor livre e da liberdade individual, sobretudo feminina, era central. No entanto, de acordo com Goldman (2015), essa liberdade abrange tanto dimensões de gênero quanto de classe, porque, enquanto as mulheres da classe média alta viam o desfazimento do vínculo do casamento como uma forma de independência, as mulheres soviéticas trabalhadoras na década de 1920 viam-no como uma forma de sobrevivência. Assim, a autora argumenta:

Muitas dessas mulheres eram mães, sem qualificação profissional e analfabetas. Para elas, o casamento frequentemente representava uma forma de segurança e sobrevivência. Sua dependência do homem assalariado era mais do que legal; era também social e econômica (Goldman, 2015, p.116).

Aproveitando esse apontamento a cerca da desigualdade de classe nessa sociedade, é necessário trazer as discussões de Adriana Piscitelli (2002) sobre as vertentes feministas que se desenvolveram nos Estados Unidos e na Inglaterra na década de 1960. Essas vertentes apresentam diferenças na perpetuação e nas origens das opressões, bem como nos mecanismos para livrar-se delas. Entre essas vertentes, destaca-se a marxista, que, influenciada por Engels, era norteada pela ideia de que: "a divisão de trabalho baseada no sexo implicou desigualdade ou opressão sexual apenas no momento em que surgiram as classes sociais baseadas na propriedade privada" (Piscitelli, 2002, p. 03). Dessa forma, tais desigualdades e opressões seriam resolvidas com uma organização social mais desenvolvida e sem classes, ou seja, o socialismo. No entanto, quando aplicado ao governo socialista soviético, as questões iam além de um problema de classe; tratava-se também de uma questão de gênero.

A mulher soviética trabalhadora estava vinculada ao núcleo familiar devido ao desamparo do Estado, aos baixos salários, à ausência de creches e à falta de apoio para as atividades de cuidado com os filhos, o que evidenciava ainda mais as contradições nas políticas socialistas e reformistas, que tinham como objetivo a libertação feminina. Além disso, em 1918, foi regulamentado o Código da Família, que instituiu o casamento civil como o único legalmente válido. Com isso, a igreja perdeu parte de seu domínio e influência social, mas essa medida legal também era mais acessível às classes mais favorecidas. Goldman aponta sobre esse alcance:

Muitos dos requisitantes dos divórcios vinham das classes mais altas, e não eram representativos da população em geral. "Entre os que estão se divorciando", ele escreveu, "se muitas pessoas extremamente prósperas (até mesmo antigos membros da nobreza)"(Goldman, 2015 p.118).

Vale ressaltar ainda que as mulheres, principalmente as trabalhadoras, enfrentam empecilhos com relação a independência econômica o que dificultava ainda mais a sua desvinculação do núcleo familiar. De acordo com Goldman (2015), as mulheres faziam parte de uma porcentagem de força de trabalho industrial que crescia cada vez mais:

As mulheres predominavam em muitos ramos econômicos: representavam 75% da força de trabalho na Alimentação do Povo (Narpit), 74% na costura, 63% dos trabalhadores da saúde e quase 60% na indústria têxtil. Até mesmo nas indústrias tradicionalmente dominadas por homens, as mulheres constituíam uma parcela significativa da força de trabalho, com um quarto dos empregos na metalurgia e um quinto na mineração (Goldman, 2015,p.126).

A partir desses percentuais, vale observar também a onda de desemprego que atingiu as mulheres trabalhadoras após a guerra civil (1918-1920), com a volta de 4 milhões de homens do Exército Vermelho ao mercado de trabalho, o que resultou no corte de trabalhadoras em diversos setores. Goldman (2015) aponta que quase 280 mil mulheres deixaram a força de trabalho. Entre 1921 e 1927, o número de mulheres desempregadas subiu de 60.975 para 369.800, aumentado seis vezes (Goldman, 2015, p. 127).

Em 1920, a economia começou a se recuperar, e ocorreu tanto a criação quanto a eliminação de empregos em grande proporção, porém, de forma desigual para homens e mulheres. Além da crescente busca por emprego, as mulheres enfrentaram a preferência nada imparcial dos administradores por homens em suas empresas. Muitos desses empregadores demitiram mais mulheres do que homens devido à legislação russa e suas imposições sobre o trabalho feminino, como limitações ao trabalho noturno para gestantes e lactantes, além da licença-maternidade remunerada. Nas palavras de Goldman: "As mulheres eram consideradas custosas para se empregar" (Goldman, 2015, p. 132).

É válido relembrar a tripla jornada das mulheres russas, que enfrentavam rotinas exaustivas. As mulheres que eram mães tinham que garantir sua sobrevivência e a de seus filhos, especialmente aquelas que os criaram sozinhas com baixos salários. Quando desempregadas, muitas recorriam a outras formas de subsistência, como a prostituição, seja para sustentar suas famílias na falta de emprego, seja para complementar o pouco que recebiam. Goldman aponta: "A maioria das prostitutas em 1920 vinha da classe trabalhadora" (Goldman, 2015, p. 136).

Além disso, Goldman afirma: "Mesmo homens e mulheres que ocupavam as mesmas posições recebiam salários diferentes" (Goldman, 2015, p. 140). Quanto à pensão para os filhos, a renda baixíssima impedia que as mulheres proporcionassem uma vida minimamente digna para si e para seus filhos.

Ainda que os tribunais não fizessem nenhum julgamento a respeito da conduta sexual das mulheres, geralmente dando crédito a seu testemunho no desígnio da paternidade, as pensões eram em geral pequenas. Além disso, a mulher não tinha direito a apoio pessoal. Abandonada com um filho, com pouca esperança de emprego ou de acesso à creche, ela tinha recursos legais limitados. Enfrentava um futuro sombrio de tentar sustentar a si própria e a um filho com dez ou vinte rublos por mês, às vezes menos (Goldman, 2015,p.153).

Entretanto, com a morte de Vladimir Lenin e a ascensão de Josef Stálin em 1930, ocorreram mudanças e retrocessos em relação a alguns direitos e mecanismos de liberdade de expressão feminina, como é o caso do Jenotdel, o Departamento de Mulheres Trabalhadoras e Mulheres Camponesas do Partido Comunista. Assim, houve um movimento contrário às transformações em prol da libertação e inserção feminina nos âmbitos social e econômico. A proibição do aborto em 1936 e as restrições ao divórcio em 1944 são exemplos dessas medidas. Esse retrocesso trouxe à tona ideias tradicionais sobre maternidade, casamento, a figura da "boa mãe" e a subserviência feminina. De acordo com Senna: "Seu lugar na família e na sociedade não foi apenas restaurado, mas vangloriado, idealizado e recompensado" (Senna, 2016, p. 273).

Senna (2016) também aponta o incentivo do governo stalinista à maternidade, incluindo medalhas para aquelas que atingissem uma determinada quantidade de filhos. Esse aspecto havia sido uma pauta relevante no período revolucionário, que incentivava uma desvinculação do feminino ao ato de parir, além da criação de instituições que amparassem o cuidado dos filhos, como creches e a legalização do aborto. No entanto, o governo não adotou tais ideias, e o Soviete Supremo da URSS aprovou um decreto com o intuito de aumentar os auxílios estatais para mulheres grávidas ou com famílias numerosas. O Estado stalinista continuou a glorificar a representação da mãe com títulos como "Mãe Heroína" e "País Glorioso", além de conceder medalhas à maternidade.

Assim, as mulheres soviéticas foram idealizadas como tutoras da família e da pátria, e sua participação sancionada no combate foi uma extensão desse papel, principalmente devido à necessidade militar. Katherine (2019, p. 06) comenta as contradições da política soviética em relação às mulheres combatentes, provocadas pela desestabilização causada pela guerra e pelos papéis tradicionais de gênero, cujos efeitos foram sentidos tanto em casa quanto

na linha de frente. A autora Katherine (2019, p. 06) afirma: "As mulheres partiram para a frente como um meio de proteger suas famílias e lares, bem como o Estado".

Cabe observar essa ligação entre a mulher e a família, e de que maneira o governo soviético incentivou e inflou as mulheres a lutarem no front para proteger seus "irmãos" e sua pátria. Harris (2008) argumenta sobre o papel da mídia em representar a mulher soviética militarizada e seu papel na família, retratando-as como "filhas leais" e patrióticas da URSS, que consequentemente deixariam tudo para trás:

Através desses obituários e artigos, as mulheres foram levadas a concluir que, ao transcender as fronteiras tradicionais do espaço doméstico, elas foram comportar-se de forma patriótica e amorosa para com a "grande família". Viu um retorno conservador à família nuclear, quando os interesses colidiram, o "grande família", baseada em laços políticos, manteve um lugar muito mais elevado na hierarquia do que a família baseada no parentesco sanguíneo (Harris, 2008, p.47).

Dessa forma, não ter filhos, ou não se casar para poder lutar não era uma opção para o governo, embora pudesse ser para essas mulheres. Elas deveriam ter filhos, lutar e voltar para essa pátria. Decoste (2018), argumenta sobre como as mulheres desde cedo são idealizadas na sociedade soviética, representadas como guardiãs da família e da pátria e sua atuação no período militar foi uma extensão do lugar de domesticidade a qual estava sujeita socialmente.

Além disso, apesar do governo incentivar o feminino e a linha de frente como essenciais, havia uma contradição quando o mesmo ainda reforçava ideais patriarcais sobre as mulheres, o doméstico e a maternidade. O feminino rompia barreiras com relação ao espaço público mas ainda eram centrais quando o assunto era maternidade, família e criação de filhos, provando que para o governo elas nunca romperam essas questões, justamente porque ele estava investindo nessa extensão. Decoste aponta algumas medidas jurídicas tomadas por Stalin:

A Lei da Família de Stalin de 1944 limitou o acesso ao divórcio e privou as crianças nascidas fora do casamento de direitos legais como herança, possivelmente num esforço para neutralizar a ruptura das famílias tradicionais e da domesticidade, durante a guerra e legislar sobre um retorno para uma feminilidade mais tradicional (e mais restritiva). A Lei também encorajou as mulheres a regressarem aos papéis de procriação, fornecendo apoio financeiro às mulheres com filhos. Em casa, as mulheres foram interrogadas sobre seus desejos de participar de profissões perigosas e masculinas como pilotar ou atirar; O marido de Tamara Sycheva encorajou-a a ficar em casa e "continuar a ser uma mulher", temendo sua masculinização através do combate na linha de frente como franco-atiradora (Decoste, 2018, p.09).

Portanto, tem-se discutido a questão feminina na Rússia, especialmente quando envolve temas relacionados à maternidade e à família. A ideologia soviética foi contraditória em muitos aspectos. Seus planos de mudar rapidamente a hierarquia da divisão social tiveram consequências negativas para as mulheres, sobretudo para as mães, que encontravam em suas famílias uma forma de segurança para sobreviver. Não quero dizer que mudar as hierarquias tenha sido algo ruim, mas o governo socialista tentou apenas articular em sua maioria questões ligadas a classe, enquanto o gênero também era um aspecto central.

Além disso, a mesma mulher que foi negligenciada pelo governo se tornou fundamental para o esforço de guerra, integrando as forças soviéticas. Com a ajuda da imprensa, as mulheres foram encorajadas a participar, sendo incentivadas a pensar na guerra como uma extensão de suas atividades femininas no lar e na maternidade. Contudo, após o conflito, as mulheres sofreram um apagamento de suas atuações, sendo esperadas a retornar aos papéis que a sociedade patriarcal havia delimitado. Rihanna Armeni discute:

Naturalmente, ao final da guerra, ninguém diz às mulheres que não podem continuar a voar ou permanecer no exército porque não são capazes de assumir as tarefas requeridas. É impossível desconhecer o heroísmo demonstrado em campo representado por tantas medalhas nos uniformes. Além do mais, é prejudicial para a própria imagem do país socialista renegar seu papel patriótico. Assim, são restituídas com afeto, respeito e proteção paternalista. Dizem que já deram tanto, que a pátria não quer que continuem a se extenuar em tarefas que eram – e é bom que voltem a ser – dos homens (Armeni, 2019, p.227).

Rihanna Armeni ainda destaca como foi o retorno das mulheres após a vitória, e como o Estado reagiu à volta delas, com a necessidade de aumento da natalidade e da produção estatal, promovendo uma reconstrução dos papéis de gênero e da família. A autora descreve: "À mulher soviética propunha-se uma igualdade no trabalho que não apagasse as antigas obrigações familiares, mas as sustentasse e exaltasse" (Armeni, 2019, p. 227).

A maternidade, o espaço doméstico e o feminino tiveram seus laços afrouxados quando as mulheres ingressaram no trabalho público. No entanto, surgiram outros desafios que envolvem essas esferas, considerando a precariedade social e a dicotomia de gêneros. As mulheres continuavam a enfrentar aspectos patriarcais que não se resolviam apenas com sua entrada no mercado de trabalho. Embora as barreiras ao trabalho fora de casa tivessem sido superadas, elas ainda eram frequentemente associadas ao trabalho doméstico, e o que poderia ser seu caminho para a libertação resultou em uma tripla exploração.

## 2.2 FEMININO OU MASCULINO: CORPOS EM DISPUTA

A partir da ida ao front, as mulheres trabalhadoras enfrentam mudanças em todos os âmbitos, inclusive nos seus níveis de feminilidade e masculinidade. Tendo em vista uma cultura violenta com relação aos papéis de gênero, as mulheres seriam representantes da pátria, reprodutoras dos cidadãos e sempre figuras centrais da família, recaindo inclusive no pós-guerra, com a cobrança de que as mulheres voltassem aos papéis que ocupavam antes ou fossem sempre corpos que simbolizavam a paz.

É importante observar as tensões entre o excesso de feminilidade e o excesso de masculinidade. Dito isso, Katherine (2019) comenta que em Francovich revelam ironias no discurso de gênero soviético. As mulheres que eram “muito femininas” eram denominadas de fracas, sem formação, sensíveis, ou vaidosas, e seriam incapazes de cumprir seu dever para com o Estado através de combate e defesa. Por outro lado, as mulheres em combate que se tornaram “demasiado masculinas” seriam também violentas, sexualmente liberais, ou desinteressadas com a família e a domesticidade, além de ainda serem incapazes de continuar a servir o Estado através da “reprodução heróica” após a guerra.

De acordo com Harris (2008), a mídia russa entre 1920 e 1930 reproduzia nos jornais e revistas populares imagens de que a beleza e as armas não eram inimigas, através de fotografias com aspectos femininos e as armas:

Através de imagens, jornais transmitiam a importante mensagem de que a beleza e o armamento não eram incompatíveis. Embora as mulheres pilotos geralmente fossem fotografadas em voos necessários ternos, as mulheres retratadas com armas quase sempre usavam vestidos e pareciam tradicionalmente "femininas" (Harris, 2008, p.53).

Em contrapartida, as mulheres ainda eram também alvos de revistas populares entre 1920 e 1930, que participavam de uma “redefinição de beleza nacional” em que reconstruíram o ideário sobre um novo tipo de corpo feminino que seria agora valorizado: “forte, robusto, atlético, fino, ágil e resistente. Seios grandes de repente tornaram-se ultrapassados, até mesmo pornográficos” (Harris, 2008, p.58). Esse ideário, como vem sendo abordado, está muito distante do estilo de vida da mulher soviética, principalmente a trabalhadora.

É interessante analisar ainda a inserção feminina no meio “masculino”, em que passou a ocupar lugares que eram tradicionalmente ocupados por homens. A mulher soviética, irá adotar estratégias de adotar para si, ideias e conceitos determinados como masculinos, como

a força, para ocupar um lugar profissional e ter legitimidade. A autora Elena Sahno afirma: “As condições de guerra, às necessidades de afirmar-se no ambiente dos homens, os perigos mortais pelos quais passavam muitas delas “masculinizaram” a conduta e a mentalidade” (Sahno, 2017, p.96-97). Isso seria, portanto, também uma necessidade de sobrevivência nesse meio predominantemente masculino.

Ao longo da reconstrução da História do regimento 588, através da memória de Irina Rakobolskaya, Ritanna Armeni (2019, p.95) mostra como foi a entrada feminina desde o início para irem ao front, como sofreram com o despreparo das vestimentas masculinas, calçados que eram extremamente grandes, além do corte de cabelo ao qual as mulheres tiveram que passar: “Um corte de tesoura após o outro, e o ritual se cumpre. As moças esperam umas pelas outras e saem como entraram: em fila. No chão há um tapete de tranças loiras, castanhas, pretas, castanhasescuras e ruivas”.

Dessa forma, como supracitado, as mulheres russas passaram por uma forte militarização através da mídia principalmente, onde eram postas como naturalmente guerreiras, tornando-se heroínas para as outras, as quais viam as imagens em circulação em revistas populares. Sahno comenta: “A próxima geração de mulheres-dirigentes copiava as imagens das "heroínas". A militarização da sociedade soviética dos anos trinta também causou uma "masculinização" das mulheres” (Sahno, 2017, p.97).

Ao longo das entrevistas com Ritanna Armeni (2019), a atual física Irina detalha através de um jornal guardado sobre a propaganda nos jornais que traziam imagens utópicas da realidade no front:

A bruxa nos mostra grandes folhas de desenho amareladas, um pouco amassadas e preenchidas com desenhos infantis: homens e mulheres semelhantes a pequenos bonecos, ingênuas notícias nacionais, esboços coloridos. Nessas folhas – explica-nos Irina –, está a história de seu regimento. Uma espécie de graphic novel ante litteram. Na primeira página, uma menina de trança escura olha para três homens de uniforme, sentados atrás de uma escrivaninha, e exclama com orgulho: "Uma mulher é capaz de tudo!". A segunda página é dupla e contém um desenho singular: algumas moças com expressão alegre tomam banho em um riacho; outras estão sentadas à margem, lendo à sombra de um Polikarpov, em cujas asas estão penduradas roupas íntimas para secar. São as bruxas, aquele é seu avião, mas onde se encontram e o que estão fazendo? E que lugar é aquele, tão pouco marcial e bélico, desenhado com pasteis e uma precisão tão infantil? (Armeni, 2019, p.159).

Através desse relato, é possível imaginar como era a propaganda e as representações que as mulheres eram colocadas e tinham que enfrentar a dura realidade. Desse

modo, Vinogradova (2017), ao descrever a ida da tenente Lyudmila Pavlichenko aos EUA, aborda como a tenente esteve através de uma entrevista de frente a frente com estereótipos criados sobre o feminino e a frente de guerra:

Como lembra Pchelintsev, "o mais complicado, e às vezes absolutamente impertinente, as perguntas foram dirigidas a Pavlichenko. Não havia limites para a curiosidade jornalística da fraternidade." "As meninas usam batom na linha de frente e que cor eles preferem?" "Qual marca de cigarro eles fumam?" "Será que a senhorita Pavlichenko concorda em tê-la retratado em maços de cigarro? A empresa está preparada para pagar um milhão de dólares!" "Que roupa íntima Lady Pavlichenko prefere e de que cor ela gosta?" Pavlichenko ficou tímida no início, mas logo superou a timidez e depois disso nunca faltou uma resposta enérgica' (Vinogradova, 2017, p.38).

Além de perguntas tão íntimas e que não ajudavam a pensar a experiência delas na guerra, mas o exótico, perguntas que ressaltam estereótipos sobre como seria uma mulher que se interessava por aspectos femininos no front. Os jornais descreveram aspectos físicos e do uniforme da tenente de forma crítica, sobre como ela deveria se vestir para parecer mais bonita ou como o corpo dela estava, de forma pejorativa:

Os Jornais relataram que ela teve que fazer uma pausa em dar discursos para substituir um dente da frente de ouro por um branco enquanto isso estava sendo feito ela não podia falar no rádio por causa de um assobio que ela fez 29 Eles escreveram sobre sua figura atarracada, suas altas "botas do Exército Russo e seu recatado uniforme verde-oliva. A imprensa opinou que sim não combina muito bem com ela. Eles relataram, para indignação da Embaixada soviética, que a saia dela tinha o comprimento errado e que, se fosse mais curto, a figura de avlichenko ficaria melhor. Comentaram que a atiradora soviética não era muito alta, que ela era bastante 'sólida', até 'gorda'. Pchelintsev comenta em suas memórias que a cerveja, que eles estavam bebendo em grande quantidade por causa do calor, fez com que ela tivesse problemas: 'Nossa Lyuda começou a engorda' (Vinogradova, 2017, p.39).

Além da mídia, havia também a atuação dos escritores masculinos após o processo de militarização feminina, que retratavam as mulheres soldados de forma tradicional, definindo-as como muito emotivas, desejáveis ou como incompetentes para estarem na linha de frente. Harris aborda:

Ao escrever sobre mulheres soldados na Segunda Guerra Mundial, os autores do sexo masculino normalmente re-feminizam a mulher guerreira, criando o que chamaremos de "mulher guerreira serva", uma personagem feminina que é subserviente, carinhosa e sexualmente atraente, que complementa um personagem masculino (Harris, 2008, p.150).

Assim, conclui-se que a mulher, antes, durante e após o esforço de guerra, esteve permeada por ideais de feminilidade tradicionalmente moldados. Houve uma política de encorajamento para sua participação, mas, de forma contraditória, também houve uma desmobilização de seu caráter militar e de sua atuação. A maioria dos autores masculinos expressava, já em 1943, a opinião de que as mulheres eram de alguma forma inferiores em combate em relação aos seus colegas homens. Suas respostas reforçaram a política pós-guerra do Estado de desmobilizar as mulheres e empurrá-las de volta para papéis tradicionais de nutrição e não agressivos (Harris, 2006, p.210).

Com isso, podemos perceber como a mulher era retratada na literatura escrita por homens, o que revela principalmente o incômodo em ver mulheres assumindo atividades de poder antes exercidas por homens. Eles utilizavam discursos e dispositivos de controle para deslegitimar a atuação militar feminina e sua inserção nesse campo, até então “masculino”. Decoste (2018) discute como as mulheres enfrentavam um dualismo de papéis no que dizia respeito à masculinidade e à feminilidade.

Dessa forma, as mulheres que eram muito femininas no espaço militar sofriam deslegitimação em relação a seus treinamentos, sendo apontadas como fracas e incapazes de defender a pátria. Por outro lado, as mulheres militares que participavam dos combates eram, para a autora Decoste, “incapazes de continuar a servir o Estado através da "reprodução heroica" após a guerra” (Decoste, 2018, p.10).

Fieseler, Hampf e Schwarzkopf (2014, p.124) discutem a construção de novas concepções de feminilidade, mesmo após uma ampla disseminação da imprensa socialista sobre igualdade de gênero. Foi ao longo do conflito que as mulheres soviéticas tiveram seus corpos associados a características masculinas, por fugirem dos padrões que legitimam o que seria o feminino na época. Isso impactou as mulheres no pós-guerra, tanto em sua autopercepção quanto em sua nova adequação. Segundo os autores: “Como mulheres não femininas e não-homens, ao mesmo tempo, elas não se enquadram mais no sistema de gênero. Daí a necessidade duradoura de seu silêncio como forma de reinsserir-se na ordem de gênero da sociedade”

Em conclusão, o feminino e seus níveis de feminilidade ou masculinidade foram alvo de uma política que, seja por meio de propaganda ou literatura contraditória, tornava público o debate sobre o feminino, seus corpos e insinuava como deveria ser seu comportamento e lugar após o conflito. O corpo feminino estava em disputa na sociedade

patriarcal, além de representar um perigo aos homens durante o conflito. DeLance (2016,p.03) aborda: “Os argumentos em estilo de efeitos enfatizam que os homens não seriam capazes de controlar seus próprios impulsos físicos e mentais ao redor das mulheres em uma situação de combate”. Tais argumentos apontam para a gravidade da condição feminina nos cargos masculinizados e para questões que as narrativas nacionais silenciaram.

### 2.3 SILÊNCIO E ESQUECIMENTO: A MEMÓRIA DE IRINA RAKOBOLSKAYA

A princípio, foi destacado que o silêncio feminino poderia ser uma forma de adequar-se à sociedade ou também uma maneira de resguardar seu lugar de segurança na ordem patriarcal. Nesse sentido, o silêncio e a utilização das memórias da guerra pela sociedade russa tiveram interesses que não visavam apenas assegurar a segurança de grupos, mas sim construir representações nacionais de unicidade e privilégio sobre quem deveria contar ou não sua história, e sobre quem deveria representar o período.

Direngerger (2016, p. 05) oferece uma perspectiva sobre as narrativas nacionais russas que privilegiam certos grupos femininos militares, como o Exército Vermelho, em detrimento de outros que também tiveram atuação ativa e passaram por todos os processos de militarização. “A promoção do papel da mulher na sociedade está estruturada em gênero e hierarquias entre o centro soviético e a sua periferia”.

Dessa forma, a memória coletiva soviética busca um modelo de identidade nacional único para a auto-representação do país. Essa memória privilegia as nacionalidades russas, enquanto outras etnias ficam invisibilizadas. Embora as mulheres russas tenham tido maior visibilidade, as tadjiquistanesas foram esquecidas. Direngerger (2016) aponta:

Os direitos das mulheres, a libertação das mulheres e igualdade entre homens e mulheres foram mobilizados para apoiar uma ideologia baseada na hierarquização entre a sociedade soviética e outras sociedades. Como os direitos das mulheres foram usados para legitimar a supremacia soviética, as mulheres tadjiquistanesas não puderam levantar a questão das desigualdades que enfrentavam sob o regime soviético como mulheres e como mulheres da periferia. As representações das mulheres armadas nas memórias coletivas e estatais da Grande Guerra Patriótica revelam, assim, uma forte paradoxo na ideologia soviética: a agência das mulheres fazia parte dos discursos promovidos pelo regime soviético, mas, ao mesmo tempo, a representação da agência das mulheres foi circunscrita e mobilizada para ilustrar a supremacia soviética - que impediu as mulheres de levantarem a questão da desigualdade de gênero (Direngerger, 2016, p.23).

A partir disso, entendemos que, apesar de serem mulheres e estarem inseridas no mesmo contexto, as formas de visibilidade e acesso a direitos eram diferentes. O governo privilegia na imprensa oficial a “mulher russa” como única e homogênea, enquanto as histórias de mulheres de outras etnias e classes ficavam em segundo plano, reservadas a jornais e estudos locais que foram feitos bem depois do conflito. Direnberger aborda:

[...] os diferentes tratamentos das representações das mulheres em armas no Tajiquistão revelam hierarquias de poder. As diferenças de tratamento contribuem para a construção da periferia soviética e das hierarquias de gênero: narrativas sobre a agência de mulheres. As mulheres tadjiques, através das representações de mulheres armadas no exército soviético, puderam ser encontradas na imprensa local e em estudos publicado em língua tadjique no Tajiquistão, mas não na ideologia soviética central. A participação das mulheres do Tajiquistão no campo de batalha continua sendo uma questão periférica levantada por pesquisadores locais, particularmente na literatura especificamente dedicada a mulheres tadjiques na URSS (Direnberger, 2016, p.37).

A mulher tadjique<sup>1</sup> estava sujeita a todas as medidas da imprensa e legislação russa, ao processo de militarização, uniformização e às formas de exploração feminina da sociedade patriarcal russa. No entanto, suas memórias e participação estão longe dos holofotes da História oficial soviética. Esse processo contribuiu para a construção de uma história masculina ou de mulheres nacionalmente russas. De acordo com Lúcia Direnberger (2016), a Alemanha foi um agressor que ameaçou tanto o território russo quanto o do Tajiquistão, especialmente no que diz respeito aos direitos das mulheres, em sua grande maioria muçulmanas. Isso está relacionado a um processo de “sovietização” da Ásia Central, no qual as mulheres conseguiram direitos e, durante o período de combate a Hitler, lutaram para que tais ganhos não fossem retirados. A autora aborda:

A expressão usada principalmente para celebrar o heroísmo das mulheres do Tajiquistão foi “filhas e mulheres do Tajiquistão”, que cobriu diferentes nacionalidades sem distinção: tadjique, russo, uzebeque, quirguiz, etc. as origens mostram que mulheres não russas do Tajiquistão lutaram durante a guerra, como Zhonbibi Quvvamova de Shirgatoil região, Sobitova da região de Vakhsh, Shahri Haidarov da região de Konibodom (Direnberger, 2016, p.29).

Além disso, elas ainda passaram por representações militares na literatura e na mídia de forma breve, enquanto o masculino ocupava um espaço de protagonismo e destaque. Direnberger (2016) comenta sobre o livro intitulado *Farzandoni Sharafmandi Tojikiston* (Filhos

---

<sup>1</sup> O Tajiquistão é um país da Ásia Central com população predominante muçulmana.

Honrados do Tadjiquistão), publicado em 1968. Esse livro retrata histórias masculinas antes, durante e após o período. Outro livro citado pela autora, agora publicado no Tadjiquistão e em seu idioma, é *Khotirahoi Solhoi Jang* (Memórias dos Anos de Guerra), publicado em 1985. Este livro contém oito romances sobre as experiências do povo tadjique durante a guerra e também privilegia as experiências masculinas.

Apenas um romance menciona uma mulher na frente de batalha perto de Vilnius: Surayo Sadriddinova, trabalhadora de uma fábrica de costura com o nome de Krupskaya no Cidade de Leninobod [agora Khujand]. Ao contrário das narrativas que tratam de soldados homens, sua especialização e suas atividades na linha de frente não são descritas (Direnberger, 2016, p.32).

Outra obra é o *Livro da Memória* (1941-1945), publicado pelo Órgão Executivo do Estado da Cidade de Dushanbe, que apresenta mais de mil páginas sobre soldados da Grande Guerra Patriótica em ordem alfabética, sem mencionar nenhuma mulher. A autora também discorre sobre os aspectos relacionados à mulher do Tadjiquistão, que está inserida em hierarquias de poder diferentes. Ela cita o caso da mulher e sua pouca participação na esfera pública e nas forças policiais. Lúcia Direnberger (2016) deixa bem evidente que essas mulheres orientais estão inseridas em disputas e políticas de gênero muito mais enraizadas do que as mulheres soviéticas. Embora tenham compartilhado ideias sobre liberdade feminina para irem ao front, no caso oriental, questões como religião (Islã) e papéis sociais de gênero estão muito mais intrínsecos.

Em comparação com a produção soviética, as representações pós-soviéticas do Tadjiquistão nos campos de batalha da Grande Guerra Patriótica está restrito a muito poucos artigos em revistas estatais dedicadas às mulheres, enquanto a Segunda Guerra Mundial continua a ser um importante elemento na ideologia nacional do Tadjiquistão. No contexto pós-conflito, as mulheres são celebradas principalmente pelo Estado nacionalista pela sua atitude pacífica e comportamento “puro”. Embora as mulheres tadjiquistanesas sejam incentivadas a ingressar nas forças policiais pelo governo, a imprensa estatal dedicada às mulheres promove o duplo fardo para as mulheres: ser mulher uniformizada e ser mulher mãe responsável pelo cuidado dos filhos e pelas tarefas domésticas (Direnberger, 2016, p.44).

Por isso, cabe trazer discussões presentes no feminismo islâmico em que ressalta as nuances que envolvem aspectos de utilização da religião como uma ferramenta para legitimar a dominação, violência e subalternização de mulheres, nesse caso as muçulmanas. Cila Lima (2014) define o feminismo islâmico:

O feminismo islâmico é um movimento que se autodefine por objetivar a recuperação da ideia de ummah (comunidade muçulmana) como um espaço compartilhado entre homens e mulheres. Para isso, utiliza a metodologia de releitura das escrituras do Islã por meio das práticas de ijtihad (livre interpretação das fontes religiosas) e da formulação analíticodiscursiva de busca pela justiça e pela emancipação das mulheres, que seriam expostas nas releituras dos textos sagrados numa perspectiva feminista. A espinha dorsal dessa metodologia é a prática do tafsir (comentários sobre o Alcorão). Além do Alcorão, também são objetos de releituras os ahadith (dizeres e ações do profeta Muhammad) e o fiqh (jurisprudência islâmica) (Lima, 2014, p.681).

Portanto, a autora reforça a compreensão de que a mulher muçulmana ou “islâmica” é fruto de uma construção social e histórica, e essa condição a coloca também às margens no contexto global, por estar envolta em trajetórias e questões culturais diferentes de outras sociedades ou civilizações ocidentalizadas. Nielle Figueiredo, Neylane Ferreira e Brenda de Castro (2020) mostram como essa trajetória social, histórica e cultural impacta as relações de gênero:

Segundo o relatório do Fórum Econômico Mundial sobre a disparidade de gêneros (2018), até o momento nenhum país alcançou a paridade e que apenas os sete principais países do ranking conseguiram diminuir cerca de 80% da diferença. Nesse relatório é possível analisar também que o Oriente Médio e o norte da África, juntamente com a África Subsaariana e o sul asiático são regiões que estão abaixo da média ponderada global, estando o Oriente Médio e o norte da África em último lugar (Ferreira; Figueiredo; Castro, 2020, p.76).

As autoras ainda abordam: “[...] A condição de inferioridade e precariedade a que estão submetidas grande parte das mulheres muçulmanas revela a hegemonia de uma mentalidade e de um sistema patriarcal que instrumentaliza a leitura do Alcorão [...]” (p. 75). Assim, as mulheres islâmicas são vistas de maneira estereotipada como algo estranho. Edward Said (2007) aborda essa questão ao discutir como o Oriente é construído e inventado pelo Ocidente, que institui o “outro” como um lugar de subalternização e dominação imperialista. Isso impacta principalmente a visibilidade do movimento feminista islâmico. Clarissa De Franco (2016) também aborda:

Feminismo islâmico não é um termo difundido de maneira profunda, nem no âmbito acadêmico, tampouco na cultura popular. Provavelmente, isso se deve a vários fatores: entre eles, a visão homogeneizadora do Ocidente acerca do Islã, como se este fosse um todo coeso de pessoas que vivem rigorosamente valores muçulmanos (De Franco, 2016, p.85).

Nesse campo de discussão, Edward Said (2007) desempenha um papel central ao contribuir para a compreensão da crítica anticolonial, problematizando o sistema europeu de conhecimento que constroi uma representação do que é o Oriente. Said (2007, p. 18) define: “O orientalismo, portanto, não é uma fantasia avoadada da Europa sobre o Oriente, mas um corpo criado de teoria e prática em que houve, por muitas gerações, um considerável investimento material”. De acordo com Lila Abu-Lughod (2013), a mulher oriental foi alvo de representações estereotipadas, colocando inclusive as mulheres ocidentais em oposição às orientais. Ela nomeia isso como um “orientalismo de gênero”. Isso acontece pela disseminação de ideais que retratam a mulher muçulmana como oprimida por sua própria cultura.

Esse tipo de perspectiva desvia o foco das forças sociais e políticas externas que são as reais responsáveis pela maneira como as pessoas vivem a leste da civilização ocidental, incluindo, sobretudo, a extrema pobreza resultante de uma divisão internacional de trabalho injusta e a militarização resultante do combate ao terrorismo (Ferreira;De Figueiredo;De Castro, 2020, p.77).

As autoras ainda abordam que, com o advento do Islã e do Alcorão, as mulheres conseguiram direitos relacionados à herança, propriedade, educação e à escolha com quem se casar. No entanto, com a interpretação tradicional e fundamentalista do Alcorão, os homens assumiram um lugar de superioridade, com privilégios para punir mulheres “desobedientes” e ter várias esposas. Portanto, é o que Clarissa De Franco também discute: “O argumento do feminismo islâmico é que a religião islâmica não seria um modelo que incita a subjugar as mulheres, mas são os modos de interpretar e vivenciar as fontes religiosas, em especial o texto sagrado, que trazem as desigualdades e submissões” (Franco, 2016, p. 87).

Após esse amplo debate, percebe-se como o feminino passa por aspectos que vão além do gênero em si, incluindo aspectos sociais, históricos, culturais e étnicos. Joyce Gonçalves (2020) aborda o feminino e grupos marginalizados, e seus testemunhos como forma de rememoração dos acontecimentos e atuação na guerra, que são dois elementos de apoio para seu lugar de contraposição a uma História de visão única oficialmente instituída. Há de se notar também privilégios com relação a memórias dessas mulheres, o direito de contar também tem seu lugar de poder.

Assim, a escritora bielorrussa Svetlana Aleksievitch, em seu livro *A Guerra Não Tem Rosto de Mulher* (2016), aborda inquietações sobre como as guerras são privilegiadamente contadas a partir de uma perspectiva masculina, e como conhecemos a guerra sempre de uma perspectiva masculinizada, enquanto o silêncio feminino persiste.

Já aconteceram milhares de guerras pequenas e grandes, famosas e desconhecidas. E o que se escreveu sobre elas é ainda mais numeroso. Mas... Foi escrito por homens e sobre homens, isso ficou claro na hora. Tudo o que sabemos da guerra conhecemos por uma “voz masculina”. Somos todos prisioneiros de representações e sensações “masculinas” da guerra (Aleksiévitch, 2016, p.12).

Nesse sentido, a autora traz em seu livro um novo olhar sobre a guerra, agora protagonizado pela perspectiva feminina. Embora não faça uma demarcação social, étnica e cultural das mulheres que estão dando seus testemunhos. Dessa forma, os relatos femininos no livro de Svetlana vão desde papéis considerados mais “comuns” ou “invisíveis” durante o conflito até atividades de grande impacto e maior visibilidade. A autora nos mostra como o privilégio masculino impacta negativamente a narrativa das experiências das mulheres que estiveram presentes na linha de frente.

Fui procurar uma mulher na fábrica de tratores de Minsk; ela tinha sido franco atiradora. É famosa. Apareceu mais de uma vez em manchetes de jornal. As amigas dela me deram o número do telefone de sua casa em Moscou, mas era antigo. Também, eu só tinha o de solteira. Fui à fábrica onde, como eu sabia, ela trabalhava, e no departamento pessoal escutei dos homens (do diretor da fábrica e do chefe do departamento): "Por acaso falta homem para isso? Para que você quer essas histórias de mulher? Fantasias de mulher...". Os homens tinham medo de que elas não contassem direito à guerra (Aleksiévitch, 2016, p.21).

Através disso, compreende-se a representação da memória feminina, principalmente para os homens, frequentemente associada ao fantasioso, ao delírio ou à irracionalidade em seus testemunhos. Assim, Joyce Gonçalves afirma: “Narrativas de vida que encontram na literatura do trauma um meio de se colocarem e se fazerem conhecidas, à revelia daqueles que controlam, que dominam os discursos oficiais da nação” (Gonçalves, 2020, p.70). Através do livro, a autora protagonizou um embate com a construção da História oficial, de documentos e narrativas políticas e nacionais.

Nessa perspectiva, além do livro anteriormente mencionado da escritora Svetlana Aleksiévitch, há outra obra sobre a participação feminina no conflito que não tem recebido tanta atenção, especialmente nos estudos brasileiros. Refiro-me ao livro *As Bruxas da Noite: a história não contada do Regimento Aéreo Feminino Russo Durante a Segunda Guerra Mundial* (2019), da jornalista e escritora Rihanna Armeni. Neste livro, Armeni se propõe a reconstruir a história do 588º Regimento de Bombardeios Noturnos, mais frequentemente conhecido como

as “Bruxas da Noite” ou “Nachthexen”, através da memória da vice-comandante e chefe da equipe, Irina Rakobolskaya, de 96 anos.

A autora relata em seu livro que, ao visitar o Museu da Grande Guerra Patriótica, encontrou documentos, imagens, escritos e outras documentações sobre as “bruxas”. Diante dos registros, ficou inquieta com a atuação feminina, especialmente sobre o regimento que permaneceu completamente feminino até o fim do período. Armeni expressa questionamentos sobre o que teria levado as mulheres a irem ao front e lutarem em posições antes não ocupadas por mulheres. Ela organiza o livro de forma narrativa, desde o início da convocação dos jovens até a atuação prática na guerra.

Armeni deixa claro que usa a metodologia da História Oral, e apesar de o livro ser inteiramente jornalístico, ele dialoga com os estudos de Memória. Ao longo da narrativa, a autora expressa seu objetivo: “Com a ajuda de Irina, tenho de reconstruir uma aventura coletiva, a aventura das bruxas da noite” (Armeni, 2019, p.34). Mas será possível, através de uma memória individual, reconstruir um acontecimento coletivo?

De acordo com Pollak (1992), a princípio, a memória pode ser tomada como algo inteiramente individual ou íntimo da pessoa, mas isso tem mudado, especialmente a partir da abordagem de Maurice Halbwachs nas décadas de 20 e 30, que destacou a percepção da memória também como um fenômeno coletivo e social: “ou seja, como um fenômeno construído coletivamente e submetido a flutuações, transformações, mudanças constantes” (Pollak, 1992, p.201).

Dessa forma, a autora se coloca na missão de trazer os depoimentos da vice-comandante e, ao longo de cada tópico do livro, ela sublinha os depoimentos e os relaciona com a narrativa coletiva. Os relatos foram feitos na casa da entrevistada, que mora no bairro próximo à Universidade Estatal de Moscou. Ritanna Armeni caracteriza o primeiro encontro:

Ali está a bruxa, sentada em seu sofá-cama, com dois xales de final de Orenburg, os cabelos brancos sob um gorro de lã e óculos espessos que não escondem o olhar vivo e a cordialidade simples dos russos. Não perde muito tempo com as formalidades, convida-nos a sentar e se mostra disponível. Faz apenas uma premissa. Sobre as bruxas – diz – foram contadas muitas lorotas, mas uma acima de todas a irritou: “Escreveram que também havia homens no nosso regimento. Não é verdade, éramos todas mulheres e assim permanecemos até o final. Não deem ouvidos a quem diz o contrário”. Depois, começa a contar (Armeni, 2019, p.23-24).

A partir disso, começam os encontros na casa da comandante, onde Irina apresentava livros, fotografias, mapas e entrelaçam suas memórias sobre voos e situações vividas. É interessante notar que, a partir dessa narrativa, fica evidente que se trata de um grupo privilegiado, composto por estudantes universitários de classe média. Isso dá visibilidade a um grupo específico cujas condições eram diferentes das de mulheres em outras posições ou classes sociais. Embora a autora se proponha a dar voz às mulheres, falta sublinhar o privilégio desse grupo em relação a outros grupos marginalizados. A comandante Irina era estudante de Física e deixou os estudos para ingressar no treinamento e chegar à linha de frente, assim como seus colegas. Rihanna Armeni relata:

O gravador continua ligado enquanto Irina fala, e nós ouvimos em silêncio. Ela não diz, mas está claro que esse encontro com Zhenya marca um ponto de virada: depois de ter falado com a amiga, ela também abandona o estudo da física. A três quartos de século de distância, a tensão e a inquietação daqueles dias de início de outono ainda são sentidas no apartamento de Irina (Armeni, 2019, p.45).

Nesse relato, é interessante perceber como foi feito o recorte da obra e a memória utilizada, às vezes de forma secundária na narrativa, mas essencial para o seu desenvolvimento, especialmente no processo de rememoração da comandante. A autora, ao discutir a memória da comandante, revela algumas seletividades nas lembranças, mostrando como o processo de rememoração não é linear e pode mudar ao longo dos anos. Isso pode ser particularmente difícil com o avanço da idade.

Além do envelhecimento e do trauma, lidar com a violência à qual as mulheres foram expostas pode dificultar o processo de relembrar acontecimentos violentos e dolorosos, que muitas vezes significa reviver a dor e sentir novamente a ferida se abrindo (Gonçalves, 2020, p.68). Elas também podem optar por não se lembrar. Irina Rakobolskaya apresenta-se lúcida em suas memórias, apesar de evitar falar sobre alguns aspectos dolorosos, e tem precisão ao relatar o número de voos:

A velha senhora faz questão de ser precisa. Ensinou física durante muitos anos, para ela os dados e os números são importantes: — Fizemos um máximo de 325 voos em uma noite e queríamos fazer cada vez mais. Vinte e três mil em toda a guerra. Sim, claro, por patriotismo, mas também porque queríamos superar os homens. Sob o gorriño engraçado e por trás das espessas lentes, seus olhos ainda riem. — Os homens combatiam por dever e, por isso, obedeciam cegamente às ordens. Nós não queríamos ser iguais, queríamos ser melhores; queríamos fazer mais e melhor. Por isso, todo dia aumentava o número de saídas. As nossas meninas choravam quando eram dispensadas de

algum voo. Concentradas no objetivo, não ouviam as vozes masculinas que repetiam: “Quanto menos se voa, mais se vive” (Armeni, 2019, p.168-169).

Além disso, é interessante como Irina Rakobolskaya ainda é um símbolo de memória, ao longo das entrevistas Ritanna mostra como a comandante ainda é procurada em datas importantes:

É hora de ir embora, Irina deve estar cansada. Disse-nos que no dia seguinte alunos e colegas virão visitá-la por conta da festa anual das Forças Armadas. Vão trazer-lhe doces e flores; como acontece todos os anos, vão brindar e trocar felicitações. Na Rússia de Putin, a festa das Forças Armadas é coisa séria, estende-se por três dias e, como a da Vitória, envolve os locais de trabalho, as escolas e as famílias (Armeni, 2019, p.89).

É imprescindível reconhecer a memória do regimento e seu protagonismo. Contudo, um aspecto marcante nos depoimentos é o prestígio que o regimento alcançou, seu lugar de destaque e as premiações recebidas pela sociedade soviética após o anúncio da paz. Entretanto, quando a jornalista visitou o museu do Exército Vermelho, encontrou algo que não a agradou: um esquecimento e descaso com a memória de um dos regimentos mais prestigiados. Ritanna Armeni descreve sua visita ao museu:

Em resumo, tudo como manda o figurino. Apesar das indicações precisas, tivemos muita dificuldade para encontrar as bruxas. Na realidade, ao regimento 588 é dedicado o espaço de uma vitrine e duas bandeiras. Na vitrine, algumas fotos, entre as quais as de Marina Raskova, alguns óculos de piloto, uma bússola, alguns documentos e medalhas. Não é fácil localizá-lo. É uma vitrine anônima, apenas a bandeira do 46o Regimento da Guarda nos faz compreender que estamos diante de sua “memória”. Não se deduz de modo algum que tenha sido um regimento exclusivamente feminino. Também no Museu do Exército Vermelho, somos obrigadas a constatar que a igualdade niveladora levou vantagem sobre uma experiência única e diferente. De fato, ninguém se detém para olhar uma vitrine igual a tantas outras. Seja para os grandes, seja para os pequenos visitantes, o enorme míssil que se ergue com toda a sua potência, ocupando o salão central, é muito mais fascinante (Armeni, 2019, p.231-232).

Pollak (1989) utiliza o termo "enquadramento da memória" para descrever como a memória de certos grupos é moldada por limitações e interesses dos grupos dominantes, não sendo construída de forma arbitrária. Segundo o autor: [...] “guiado pela preocupação não apenas de manter as fronteiras sociais, mas também de modificá-las, esse trabalho reinterpreta incessantemente o passado em função dos combates do presente e do futuro” (Pollak, 1989, p. 09-10).

Pollak também aborda como esse enquadramento não apenas produz discursos históricos e grandes personagens, mas se manifesta materialmente em museus, grandes monumentos, bibliotecas, etc. Embora o livro e os depoimentos da comandante representem um recorte específico e privilegiado do ponto de vista social e político, eles são importantes porque tratam de uma memória “subterrânea”. Michel Pollak (1989) destaca a relevância de trazer à tona depoimentos e memórias de grupos marginalizados e minorias para desafiar a construção de uma História e memória oficial excludentes.

Ao privilegiar a análise dos excluídos, dos marginalizados e das minorias, a história oral ressaltou a importância de memórias subterrâneas que, como parte integrante das culturas minoritárias e dominadas, se opõem à "memória oficial", no caso a memória nacional. Num primeiro momento, essa abordagem faz da empatia com os grupos dominados estudados uma regra metodológica e reabilita a periferia e a marginalidade. Ao contrário de Maurice Halbwachs, ela acentua o caráter destruidor, uniformizador e opressor da memória coletiva nacional. Por outro lado, essas memórias subterrâneas que prosseguem seu trabalho de subversão no silêncio e de maneira quase imperceptível afloram em momentos de crise em sobressaltos bruscos e exacerbados. A memória entra em disputa (Pollak, 1989, p.04).

Nessa perspectiva, quando grupos marginalizados, e neste caso uma mulher, rompem o silenciamento social ou o esquecimento construído por manobras de discursos oficiais nacionalistas, esses depoimentos representam uma forma política de estar na vida social e de assumir seu lugar como sujeito ativo. Além disso, eles enfrentam memórias manipuladas. Ao ler esses relatos, é interessante perceber as fronteiras da memória nacional e o que Irina detalha em seus depoimentos.

A obra da autora Ritanna Armeni (2019) é imprescindível para entendermos os enlances de uma guerra. Embora parta de um recorte específico, cumpre a premissa de registrar e tornar públicas memórias que revelam um feminino heroico e determinado. Embora não seja o objetivo principal da obra, ela foi importante para problematizar e enxergar o que estava por trás dessas representações: um feminino que passou por políticas e arranjos patriarcais. Tem-se também em sua obra um recorte que não podemos negligenciar, o aspecto de que apesar de serem mulheres consideradas parte de um grupo minoritário, são de posições e lugares de privilégio até certo ponto. Considerando que eram estudantes e partilhavam de níveis de educação política o que de certa maneira os favoreceram. Embora tenham passado por um apagamento e esquecimento, essas mulheres tiveram memórias e atuações registradas, enquanto as que estiveram em lugares subalternos ou em situações que as tornaram invisíveis não conseguiram espaço ou o prestígio necessário. Além disso, pode-se falar dos chamados abusos

do esquecimento, este ancorado as ideologias e que buscam manipular a memória e como alerta Paul Ricoeur, é um fenômeno que “deve-se a intervenção de um fator inquietante e multiforme que se intercala entre a reivindicação de identidade e expressões públicas de memória.” (Ricoeur, 2007, p. 95).

### **CAPÍTULO 3: O TESTEMUNHO NA LITERATURA E NO CINEMA PARA O ESTUDO DE NARRATIVAS FEMININAS DURANTE A GUERRA**

#### **3.1 LITERATURA E CINEMA DE TESTEMUNHO: LUGARES TEÓRICOS E METODOLÓGICOS**

O cinema, desde sua criação no século XIX e no século XX, com a ampliação das fontes históricas e novas abordagens propostas pela Escola dos Annales, vem se transformando em uma importante fonte para os historiadores. Além disso, seu grande diferencial de ser uma fonte audiovisual fornece à pesquisa uma grande variedade de possibilidades de observação e análise sobre as realidades sociais, os conflitos históricos e ideológicos em diferentes temporalidades, aspectos que, visualmente representados, nos permitem uma compreensão mais ampla do que estava ocorrendo.

Nesse sentido, o cinema permite o acesso à maneira como as sociedades queriam ser vistas e articulavam suas imagens. Para Barros (2007), a relação entre cinema e história possui sua singularidade, pois, através da obra cinematográfica, podemos utilizá-la como meio de representação ou como um caminho de interpretação de realidades históricas específicas. Além disso, a linguagem cinematográfica se abre ainda mais para a análise histórica. Dentre esses aspectos, é possível alcançar diversas modalidades cinematográficas, como jornais, propagandas e documentários.

Na escrita e no desenvolvimento desta pesquisa, utilizaremos a fonte fílmica como veículo para acessar as memórias do 588º Regimento de Bombardeios Noturnos, além de examinar como representações políticas, ideológicas e de gênero estão presentes ou não também na literatura. Considerando que o cinema nos permite analisar e investigar memórias coletivas, identidades e representações historiográficas, Marcos Napolitano afirma: “[...] são várias as opções de representação cinematográfica da história que envolvem implicações não apenas estéticas, mas ideológicas, completamente diferentes” (Napolitano, 2005, p.241).

Utilizaremos o documentário *Night Witches*, lançado em 2013. Neste documentário, podemos acessar memórias e imagens da história das aviadoras soviéticas que se voluntariaram para atuar durante a Segunda Guerra Mundial, conhecida como "Bruxas da Noite". A cineasta Gunilla Bresky utilizou entrevistas com algumas aviadoras sobreviventes, além de materiais de arquivo. A autora registrou entrevistas com Rufina Gasheva, Nadezhda Popova, Aleksandra Akimova, Irina Rakobolskaya, Irina Dryagina, Olga Yakovleva, Klavdiya Ryzhkova (Deryabina) e Raisa Mazdrina.

O documentário é produzido pela cineasta sueca Gunilla Bresky, conhecida por seus documentários que retratam períodos históricos. Em suas produções, ela adota uma abordagem que utiliza entrevistas, imagens e vídeos de arquivo, além da narração. Dessa forma, é necessário, assim como para outras fontes, tratar a fonte fílmica como um objeto que contém objeções externas e que exige uma análise cuidadosa do pesquisador.

Além disso, ao trabalharmos com depoimentos no cinema, é interessante pensar o documentário como parte desse gênero, considerando o cinema ficcional e o não ficcional. O documentário se enquadra no último, assim como outras produções, como biografias e “docudramas”. Dessa forma, o cinema envolve memórias e testemunhos para a construção de seus discursos e narrativas. Marcos Napolitano aponta:

A ficção e o documentário podem revelar aspectos sócio-históricos não previstos pelo realizador, na medida em que o historiador possa perceber a realidade bruta por trás da obra lapidada. Em última instância, para o autor, há uma realidade externa ao documento, à qual este pode ser fiel ou não (Napolitano, 2005, p.243).

Desta forma, é necessário, para a análise de um filme ou documentário, estar atento aos aspectos da realidade externa ao documento, ou seja, ao contexto que ele retrata, bem como aos discursos e representações historiográficas presentes direta ou indiretamente. Mônica Almeida Kornis ressalta, ao abordar a utilização de imagens pelo historiador, como o pesquisador deve se comportar diante desses documentos:

[...] “a utilização da imagem pelo historiador pressupõe uma série de indagações que vão muito além do reconhecimento do glamour dos documentos visuais. O historiador deverá passar por um processo de educação do olhar que lhe possibilite “ler” as imagens.” (Kornis, 1992, p.238).

Dessa forma, no processo metodológico da pesquisa histórica com a fonte cinematográfica, é necessário estar atento aos diálogos e discursos externos, considerando a realidade que ela representa ou se propõe a representar. Marc Ferro observa: “[...] a crítica também não se limita ao filme; ela se integra ao mundo que o rodeia e com o qual se comunica, necessariamente” (Ferro, 2010, p.87).

Assim, refletir sobre essa fonte e seu diálogo com a historiografia ou com os discursos aos quais ela se conecta direta ou indiretamente é examiná-la de forma interdisciplinar, levando em consideração as marcas e gestos discursivos que o historiador deve analisar e historicizar.

Além de o cinema ter sua singularidade ao tratar a fonte na pesquisa histórica, a literatura também segue princípios de legitimidade semelhantes. Ao utilizar a literatura como fonte, é importante observar como o autor do texto literário alinha as regras da escrita, o aspecto estético e a forma como reconstrói a realidade social que está sendo descrita e documentada, atentando-se à intencionalidade do texto e às marcas de texto autoria.

Para a História, a literatura é um documento que exige atenção às suas especificidades, bem como ao contexto e aos processos pelos quais a fonte passou. Sandra Jatahy (2000) ressalta como o historiador deve abordar essa fonte:

Para o historiador a literatura continua a ser um documento ou fonte, mas o que há para ler nela é a representação que ela comporta. Ou seja, a leitura da literatura pela história não se faz de maneira literal, e o que nela se resgata é a representação do mundo que comporta a forma narrativa (Pesavento, 2000, p.11).

Desde a atualização metodológica e epistemológica da História com a Escola dos Annales (1929) e, posteriormente, com a Nova História Cultural, o documento passou a ter novas perspectivas em relação ao seu papel na pesquisa histórica, o que, conseqüentemente, sofreu maior cuidado do histórico ao fazer pesquisa. Para a História contemporânea, a literatura tem uma possibilidade de acesso a mais dimensões, temas, problemas e assuntos históricos. Carla Bassanezi aborda:

A historiografia contemporânea abriu espaço para uma grande quantidade de temas e problemas que demandam o auxílio da literatura. Alguns deles abrangem a investigação dos diferentes papéis desempenhados por ela através do tempo, seus agentes e vínculos com os modos de produção e circulação da cultura (Pinsky, 2009, p.82-83).

A partir disso, pode-se perceber a literatura como uma fonte rica em discursos, memórias e ideologias. A memória, em especial, é um aspecto de maior relevância para esta pesquisa, pois, através da literatura, também consegui acessar memórias, sejam elas coletivas ou individuais. A fonte literária sobre o que nos debruçamos é o livro *As bruxas da noite: a história não contada do regimento aéreo feminino russo durante a Segunda Guerra Mundial* (2019), escrito por Ritanna Armeni, jornalista e escritora italiana. Nesse livro, Armeni propõe a reconstruir a história do regimento por meio de entrevistas realizadas com a piloto e física Irina Rakobolskaya e de suas pesquisas.

Jacques Le Goff (2003) destaca a importância da escrita para dar suporte às memórias, permitindo melhor armazenamento e funcionamento como um depósito para a conservação desses depoimentos. Assim, a literatura em questão se enquadra no gênero literatura de depoimento. A obra de maior visibilidade sobre essa temática é *A guerra não tem rosto de mulher*, de Svetlana Aleksievitch (2016). Nesse sentido, utilizar essa fonte traz uma contribuição significativa para a pesquisa; o livro *As bruxas da noite: a história não contada do regimento feminino aéreo russo durante a Segunda Guerra Mundial* (2019), escrito por Ritanna Armeni, é claramente de cunho jornalístico, mas permite o acesso a memórias e sentimentos.

Essa literatura, juntamente com o documentário, oferecerá um apoio importante para tratar das memórias dessas mulheres, tendo em vista que, com o fim da guerra, muitas foram imediatamente desligadas das Forças Armadas e passaram por esquecimento e silenciamento social. Inclusive, o regimento enfrentou dificuldades para legitimar suas memórias, devido à forte censura do governo de Stalin, além da pressão social para que as mulheres se casassem, formassem famílias e assumissem papéis tradicionais femininos no ideário patriarcal.

Pode-se destacar também que essas fontes enquadram a memória e promove a difusão de memórias que Pollak (1989) classifica como "subterrâneas". O autor aponta que essas memórias também se manifestam por meio de depoimentos de pessoas marginalizadas, inseridas em grupos classificados como minoritários. Tais expressões confrontam a História e a memória oficial, que foi construída por aqueles que ocupam a posição de dominadores e privilegiados. Nas palavras do autor: “[...]essas memórias subterrâneas que prosseguem seu trabalho de subversão no silêncio e de maneira quase imperceptível afloram em momentos de crise em sobressaltos bruscos e exacerbados. A memória entra em disputa” (Pollak, 1989, p.04).

Um ponto muito relevante é que essas obras foram escritas por mulheres e sobre mulheres. Isso impacta diretamente suas produções e os objetivos que pretende alcançar. A obra de Ritanna Armeni sobre as aviadoras, por exemplo, procura trazer visibilidade a suas trajetórias e aos silenciamentos que sofreram, mesmo após suas atuações. É importante perceber que a perspectiva feminina altera as formas de contar a história e de construir as representações geralmente apresentadas a partir da perspectiva masculina. Aleksievitch discorda sobre essa história contada a partir da perspectiva masculina e sua prioridade na construção da história oficial, que inviabiliza as narrativas femininas:

Já aconteceram milhares de guerras – pequenas e grandes, famosas e desconhecidas. E o que se escreveu sobre elas é ainda mais. Mas... foi escrito por homens e sobre homens, isso ficou claro na hora. Tudo o que sabemos da guerra conhecemos por uma “voz masculina”. Somos todos prisioneiros de representações e sensações “masculinas” da guerra. Das palavras “masculinas” (Aleksiévitch, 2016, p. 12).

É indiscutível que, historicamente, as mulheres foram colocadas em segundo plano na sociedade, especialmente quando ocuparam posições tipicamente reservadas aos homens. Isso se reflete nas narrativas políticas, que destacam grandes homens e figuras políticas, enquanto as mulheres são frequentemente representadas como vítimas ou indivíduos sem protagonismo histórico, tornando-se invisíveis. Nas narrativas sobre guerra, em particular, as mulheres envolvidas por muito tempo em lugares de silêncio e esquecimento. Harris (2008) discute:

Essa cena dá evidência da principal razão pela qual os formuladores de políticas governamentais e por que autores do sexo masculino estavam tão dispostos a eliminar as mulheres das esferas de combate: eles se intrometeram no mundo do homem e ameaçou seu direito de provar seu valor diante dos outros (Harris, 2008, p.197).

De acordo com Caroline Maciel (2016), a literatura de testemunho é utilizada como uma forma de recriar e acessar realidades por meio de relatos e depoimentos daqueles que viveram e testemunharam um evento histórico, além de permitir ao autor reconstruir essa realidade através dos testemunhos. Nesse aspecto, o autor destaca a importância da investigação de narrativas sobre grupos minoritários: “O testemunho é uma possibilidade de apresentar relatos com um peso traumático e inarrável, levantando questões e dando visibilidade às narrativas de minorias, de sobreviventes de holocaustos e de outras formas de genocídio, repressão e violação dos direitos humanos” (Maciel, 2016, p.75).

No livro em questão, há um capítulo dedicado a Marina Raskova, intitulado “A mulher de aço”. Raskova teve um papel primordial na criação dos regimentos femininos e foi admirada por aquelas que desejavam ir para a linha de frente. Dessa forma, Marina Raskova se dirigiu a Josef Stalin e pediu que as mulheres também integrassem a força aérea como pilotos e navegadores, levando consigo as cartas que haviam recebido ao longo da semana de mulheres interessadas em se voluntariarem para a guerra. Não apenas as cartas foram essenciais, mas também a condição do país. Ritanna Armeni aborda:

Marina não se limita a defender a causa das mulheres. Também toca em outro assunto, ao qual, como bem sabe, Stalin é particularmente sensível. A pátria socialista está em perigo; o inimigo não se deteve nos meses anteriores e agora está batendo às portas de Moscou. Os alemães abateram milhares de aviões russos. O rompimento da linha de frente ocorreu justamente contra a Força Aérea soviética, que está semi-destruída. Estão sendo feitos enormes esforços para reconstruir uma frota aérea. As mulheres, com sua abnegação, se tornaram o símbolo do extremo esforço que todo o país está pronto a fazer (Ameni, 2019, p.65).

Nesse sentido, tal esforço surge como um investimento, aproveitando todos os aspectos da sociedade, especialmente as mulheres, devido ao esforço empreendido em propaganda e sua trajetória enquanto “guerreiras” da pátria. No decorrer do processo, Stalin acabou aceitando a condição de enviar mulheres para a guerra. Ritanna Armeni (2019) aborda a concepção de Josef Stalin e seu descontentamento em chamar mulheres para o combate, acreditando que isso é a impossibilidade de cumprir seus papéis de mães e esposas e causaria estranheza entre os homens, representando uma espécie de ameaça.

Apesar das objeções e dúvidas levantadas por Stalin, Marina Raskova insistiu pela inclusão de mulheres na força aérea soviética, tornando-se a principal líder dos regimentos femininos. Esses regimentos foram criados com o intuito de separar as mulheres do que se percebia como um perigo para os homens. Ritanna Armeni descreve:

O fato é que em 8 de outubro de 1941, alguns dias depois da reunião, é promulgada a Ordem 0099. É estabelecida a formação de três regimentos femininos. O primeiro é composto de caças-bombardeiros, aviões capazes de realizar ataques à terra e sustentar batalhas aéreas; o segundo, por bombardeiros e, por fim, o terceiro, pelos Polikarpov, para o bombardeio leve noturno (Ameni, 2019, p.67).

Assim, Ritanna Armeni faz uma análise da guerra, colocando as mulheres como protagonistas e destacando os impactos em suas trajetórias durante e após o período. Além disso, ela rompe com o privilégio masculino de narrar esse contexto histórico. A partir disso, a autora descreveu como foram os dias de Irina após a guerra: inicialmente, ela se sentiu sozinha, chamou a mãe para festejar com ela e, após viagens e comemorações, Irina passou a experimentar um período de vazio, com poucas obrigações e uma sensação de esperança. Esse período reflete a desmobilização das mulheres e até pedidos de esquecimento pelo governo. Um trecho que fala sobre isso:

Kalinin dirigiu-se a elas em tom amável e gentil e com reconhecimento. "Além das muitas coisas que vocês fizeram", disse, "há uma que quero

recordar. A igualdade para as mulheres existiu em nosso país desde os primeiros dias da Revolução de Outubro. Mas vocês a conquistaram em outro campo: na defesa da pátria, com armas em punho. Conquistaram direitos iguais em um campo no qual, antes, não tinham nenhum papel direto." A pátria - declarou o presidente do Soviete Supremo - lhes era reconhecida e lhes agradecia o duro sacrifício. Em seguida, acrescentou com diplomática cortesia: "Do alto da experiência amadurecida nos anos, permitam-me dizer-lhes: não se vangloriam em seu futuro trabalho, não falem dos serviços prestados; deixem que sejam os outros a fazê-lo por vocês. Será melhor". O conselho era para que as mulheres pusessem de lado, o mais rápido possível, o recente passado de combates. E o esquecessem (Armeni, 2019, p.226).

Nesse sentido, a literatura nos apresenta aspectos que no documentário permanecem ocultos, como o processo de esquecimento feito pelo governo, enfatizando o retorno das mulheres às suas famílias como mães e esposas, reforçando papéis patriarcais. Envoltas em discursos paternalistas, as mulheres mantinham uma postura de equilíbrio entre o discurso patriótico, que exaltava sua atuação, e, ao mesmo tempo, a reafirmação de estereótipos femininos patriarcais sobre maternidade e família.

Além disso, as narrativas apresentadas no livro de Ritanna Armeni resgatam memórias e depoimentos de Irina Rakobolskaya. A autora trabalha no restabelecimento da visibilidade dessas mulheres e se contrapõe à marginalização imposta a elas, que, após o período de guerra, foram direcionadas pelo governo para ocupar papéis e lugares tradicionais de gênero, como esposas, mães e cuidadoras do lar. Através da literatura, podemos ainda alcançar aspectos que o documentário não apresenta com a mesma profundidade, como, por exemplo, o estado emocional e social das mulheres após a guerra. No capítulo "Mulheres inúteis", a autora reconstrói o que aconteceu após o anúncio da vitória:

Após o anúncio da paz, Irina e algumas companheiras permaneceram em Schweidnitz, pequena cidade polonesa que havia sido alemã, enquanto as outras bruxas, alegres e em festa, voltaram para a capital a fim de participar do grande desfile da vitória, desejado por Stalin e organizado pelos generais vencedores, Zhukov e Rokossovsky. No dia 24 de junho de 1945, o 46º Regimento da Guarda também está presente na Praça Vermelha. Nunca se viu um desfile tão grandioso (Armeni, 2019, p.224).

Dessa forma, Irina ficou responsável por cuidar dos documentos relativos ao regimento, os quais continham dados sobre o número de voos, condecorações e outros registros que evidenciam o protagonismo do regimento. Esses documentos permitiram compreender como o regimento conquistou o seu espaço ao lado dos homens, destacando-se no número de missões realizadas, muitas vezes superiores aos regimentos masculinos. No trecho, podemos perceber alguns desses aspectos: "Nos documentos, que examinam e controlam todos os dias,

está a vida de todos e o fim de alguns. Muitas delas já não existem, desapareceram no céu. Trinta e duas morreram" (Armeni, 2019, p.225).

Salgueiro (2012) também enfatiza as diversas formas de expressão, registros e modalidades do testemunho em relação aos eventos, além de desafiar a literatura tradicional, trazendo subjetividade e coletividade para essa narrativa. Tendo em vista que o livro e o documentário reconstróem a história de um grupo que atuou diretamente na guerra, Rihanna Armeni comenta sua descoberta e o que entendeu sobre a participação feminina a partir das memórias e narrativas oficiais:

Por outro lado, eu estava descobrindo nas minhas leituras que havia um rosto feminino da guerra. Descobri que as mulheres haviam sido não apenas vítimas dos desastres materiais e morais do conflito, que havia existido para elas mais que apenas sofrimento, coerção e obediência. As bruxas – assim me faziam pensar os livros com suas memórias e os filmes com as entrevistas – não tinham sido vítimas da história; ao contrário, haviam assumido um papel de primeira importância; tinham feito da guerra uma oportunidade de emancipação; tinham aproveitado o conflito para ampliar a própria esfera de liberdade (Armeni, 2016, p.18).

A partir disso, percebemos a importância do testemunho, seja ele escrito, filmico ou em outras formas de expressão. O testemunho traz visibilidade para narrativas soterradas pela memória nacional e por discursos oficiais. Uma memória traumática nos proporciona o não esquecimento de acontecimentos violentos, de corpos e subjetividades que ficaram à margem e foram brutalmente atingidos.

De acordo com Araújo (2016, p. 51) a literatura, mais especificamente a narrativa testemunhal, tem a capacidade de lidar com memórias ao permitir diversos pontos de vista e dar voz a quem não tinha outro canal de expressão. Ao comparar o documentário com o livro de Armeni, nota-se que a autora oferece um retrato mais complexo e íntimo das aviadoras, abordando temas como a masculinização dos corpos e o impacto psicológico de serem forçados a adotar papéis tradicionais masculinos. O documentário, por outro lado, oferece uma visão mais distante e celebra a participação delas sem questionar profundamente as dificuldades internacionais.

Armeni utiliza uma forma diferente de contar; ao narrar, empregando uma linguagem mais literária, que confere emoção ao que está sendo contado. Vejamos um trecho do capítulo “Malditos Aviões”:

Agora se acrescentaram aqueles malditos aviõezinhos. São eles que alimentam um pressentimento incômodo. A infantaria, com seus pesados equipamentos, tem de avançar mais de quarenta quilômetros por dia. Quando param, os soldados estão destruídos e esperam a noite como uma bênção, para finalmente poderem deitar-se e fechar os olhos por algumas horas. Em vez disso, ao cair da escuridão, quando começam a saborear um pouco de tranquilidade, esses malditos aviõezinhos surgem no céu de repente e despejam sobre eles uma bomba depois da outra. Até o amanhecer, em ritmo regular (Armeni, 2020, p.11).

A partir disso, percebemos que a literatura é importante por nos oferecer outra possibilidade de representação, eventualmente como uma fonte jornalística e informativa que não utiliza métodos historiográficos ou citações do mesmo caráter. As narrativas relevantes que a autora apresenta não se restringem a representações negativas; elas também abordam o romance, a amizade e a coletividade feminina no cotidiano, elementos que foram pilares para suportar tantas mudanças. No capítulo “Em voo”, Armeni recria um voo de Larissa e Irina:

Irina, no banco de trás, observa as mãos de Larissa acionando os comandos, levantando as alavancas e manejando o manche com perícia. Nem mesmo o Cáucaso parece preocupar a piloto, que mantém sua lúcida serenidade até diante das montanhas que se erguem como bastiões, formando barreiras que parecem engolir os pequenos aviões. Não a assustam os ventos úmidos que vêm do mar negro e as sacodem, nem as nuvens que, em um incessante movimento, mudam de um instante para outro a visibilidade, nem a neblina que se ergue, densa e veloz, tampouco as fendas e as rochas traiçoeiras (Armeni, 2020, p.26).

Além disso, no capítulo “Esperando por Dimitri”, a escritora aborda o romance entre Irina e Dimitri, enfatizando o reencontro na universidade após a guerra. Aleksievitch argumenta que o amor é um elemento de memória menos traumático para as mulheres, representando uma forma menos dolorosa de lembrar os horrores vividos: “O amor é o único acontecimento pessoal na guerra. Todo o resto é coletivo - até a morte” (Aleksievitch, 2016, p. 279). Armeni descreve o reencontro entre Irina e Dimitri:

Falam da guerra. Nenhum dos dois revela os sentimentos que experimentaram antes de partir, nenhum diz quanto o outro esteve presente em seus pensamentos. No bosque, Dimitri a beija, e Irina não se surpreende. Sabia que isso aconteceria. Assim, pega a mão dele e, quando voltam para a cidade, apresenta-o à sua mãe, dizendo simplesmente: "Vou me casar" (Armeni, 2020, p.240).

Esse trecho é um exemplo de que, ao compreender as duas fontes como formas diferentes de rememoração e registro da memória, a fonte fílmica se apresenta de forma distante em relação aos depoimentos, sem qualquer interação do diretor ou registros mais íntimos. Em contrapartida, a literatura nos proporciona proximidade, intimidade e as expectativas do autor, refletindo uma busca que não se limita apenas ao aspecto profissional e metodológico. Ela inclusive demonstra como chegou às representações das Bruxas da Noite:

As bruxas - assim me faziam pensar os livros com suas memórias e os filmes com as entrevistas - não tinham sido vítimas da história; ao contrário, haviam assumido um papel de primeira importância; tinham feito da guerra uma oportunidade de emancipação; tinham aproveitado o conflito para ampliar a própria esfera de liberdade (Armeni, 2020, p.18).

É óbvio que essas representações também impactaram o objetivo de sua escrita. Motivada por representações vitoriosas, a autora desejava documentar a história dessas mulheres. De forma sucinta, ela se debruça sobre a trajetória das mulheres, tendo como representação primordial a vitória, a emancipação e a superação. Ela queria escrever um conto de fadas: “Tenho de narrar um conto de fadas duro, atroz, cruel como todos os contos de fadas - de um grupo de jovens que queria a todo custo uma igualdade que parecia impossível” (Armeni, 2020, p. 37).

### 3.2 RELATOS DE UMA GUERRA: A PARTICIPAÇÃO DO REGIMENTO DE BOMBARDEIOS NOTURNOS 588 DURANTE A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL A PARTIR DO DOCUMENTÁRIO *NIGHT WITCHES*

O documentário em questão, como já sublinhado, traz depoimentos de membros sobreviventes do Regimento 588, relatando sobre sua ida e participação na Segunda Guerra Mundial. O filme também conta com imagens de arquivos, que a autora Gunilla Bresky intercala com os depoimentos. Além disso, esse documentário está disponível no YouTube e dividido em seis partes de 10min cada.

Gunilla é diretora e produtora sueca, com uma trajetória de trabalho e produção de documentários e dramas. Sua carreira na produção de filmes começou em 1995, e ela produziu diversos filmes sobre a Rússia, especializando-se na Segunda Guerra Mundial. Dessa forma, captura depoimentos e relatos sobre a guerra, dando destaque a aspectos e indivíduos que não têm visibilidade. O objetivo do documentário é apresentar discursos e imagens que favorecem

as mulheres como heroínas que rompem com os obstáculos e narrativas, mas não demonstram tantos detalhes sobre relações, frustrações e amizade quanto à literatura.

Na primeira parte do documentário, são apresentados alguns dados sobre os voos feitos pelo regimento, que totalizaram mais de 710 missões. Além disso, o filme mostra a convocação das mulheres de Moscou em 1941, desde o envio para Engels, local que tinha uma escola para treinamento de pilotos aéreos, até o percurso que percorreram. O filme começa com cenas de um avião sobrevoando o céu, seguidas de imagens de mulheres jovens em uniformes de aviadoras e, logo em seguida, imagens das mesmas agora mais velhas. Nesse sentido, o ritmo linear do documentário alterna entre cenas de arquivo e depoimentos, deixando pouco espaço para reflexão crítica ou envolvente na narrativa "vitoriosa" das aviadoras. Esse estilo documental mantém um tom homogêneo, com pouca diversificação nos tipos de registros apresentados.

Assim, esse ritmo constante do documentário prejudica uma análise crítica das memórias das aviadoras, e o estilo de montagem pode sugerir um objetivo de reafirmar uma narrativa oficial, sem confrontar ou mostrar aspectos difíceis dessas memórias. Nesse sentido, podemos visualizar alguns desses aspectos a partir de Deborah Bem Borges e Giovanna Bem Borges (2022), que mostram que, além das adversidades que essas mulheres enfrentaram devido à guerra, elas também enfrentam a intransigência de suas camaradas no front, que chamaram com ceticismo e desconforto para a participação das mulheres na guerra, apesar do governo propagar informações de glorificação. Essas representações preconceituosas estão situadas em questões históricas de gênero, algo que, por exemplo, estava presente na literatura escrita por homens. Harris (2008) destacou:

Alguns trabalhos de autores masculinos apoiam a suposição de que as mulheres não deveriam estar em guerra porque distraem os soldados do sexo masculino. A mera presença de mulheres em combate destrói a camaradagem entre os soldados do sexo masculino que era tão valorizada no Exército Vermelho. A participação das mulheres na guerra, na opinião de muitos escritores do sexo masculino, leva a gravidez não planejada e até estupro quando os homens não controlam seu desejo por mulheres soldados (Harris, 2008, p.212).

Ainda seguindo uma linha de pensamento das autoras, que apontam que também havia violência sexual à qual as mulheres eram vulneráveis, principalmente nos regimentos mistos, existiam ainda outras questões às quais elas deviam se adaptar. Um aspecto importante era o fato de que o Exército Vermelho não produzia uniformes femininos, fazendo com que as mulheres precisassem improvisar suas próprias roupas íntimas e lidar com uniformes maiores.

Isso se tornou um problema claro, especialmente ao usar botas, que, ao marcharem de forma contínua, causavam ferimentos nos pés.

A narrativa que o documentário constrói sobre as mulheres militares também revela uma negligência em relação ao fato de que elas ocupavam cargos "subalternos" no front, sustentando o melhor desempenho masculino, além de suprir uma demanda construída pelos homens que não aceitavam ocupar certos cargos. Caire (2002) aponta:

Durante esse conflito, ficou ainda mais evidente a oposição entre a Rússia e os países da Europa e aqueles da América e da Europa Ocidental. Na Rússia, a mulher combatente vivenciou uma realidade tangível em todos os fronts. No que concerne à América e à Europa Ocidental, as mulheres substituíram os homens em diversas e numerosas ocupações e, dessa vez, conquistaram um lugar definitivo na qualidade de auxiliares não-combatentes dos exércitos (Caire, 2002, p.84).

É retratado também o momento do comunicado de convocação, para o alistamento das jovens que tinham interesse em se alistar. Cenas militares e de destruição são demonstradas. As imagens são em preto e branco, e ao fundo podemos ouvir uma trilha sonora que causa suspense e até mesmo ação. São mostradas imagens de mulheres sem aspectos militares e outras com o uniforme. Ao analisarmos as imagens escolhidas, é razoável a intenção não apenas de ocultar certos entraves na ida feminina ao front, mas também de mostrar um prestígio militar, o que, por outro lado, resulta em uma certa suavização dos horrores, com um destaque nacionalista e heróico.

Além disso, ao longo do documentário, nessa primeira parte, são apresentados aspectos que marcaram o primeiro contato das mulheres com o meio militar, como a convocação de Marina Raskova e mudanças visuais, como o cabelo e as vestimentas, que a princípio foram projetadas para os homens. Isso não é apenas documentado, mas também expõe como elas resistiram às normas patriarcais. É fundamental considerar que as aviadoras do 588º Regimento lutaram para serem aceitas no exército, principalmente sob a liderança de Marina Raskova, uma mulher de extrema importância e representação no período, muitas vezes enfrentando resistência tanto de colegas homens, quanto de seus superiores.

Ritanna Armeni (2020) fala sobre a fama e prestígio alcançado por Raskova e sua representação para as moças que desejavam entrar nos regimentos militares:

Em 1941, comunicar para um grupo de garotas russas que estão para encontrar Marina Raskova é como anunciar a um grupo de adolescentes americanas que falarão com sua diva preferida de Hollywood ou, nos anos 1960, dizer a um

grupo de jovens europeias que saíram para jantar com John Lennon (Armeni,2020, p.60).

Marina Raskova foi uma mulher que demonstrou resistência ao período e às normas de gênero, desde o início de sua trajetória. Ela também ocupava um lugar de privilégio. Assim, Marina foi uma das pioneiras, como outras mulheres que a precederam antes de entrarem na guerra. Inicialmente, ela era cantora lírica, mas abandonou a música para estudar química. Além disso: “[...] foi admitida no laboratório da Academia da Força Aérea, onde trabalhou ao lado de Alexander Belyakov e Ivan Spirin, fundadores da navegação aérea soviética e inventores da moderna tecnologia de bordo” (Armeni, 2020, p. 61). Marina deixou o laboratório para se dedicar aos cursos de voo.

Essa figura de grande representação foi essencial para mobilizar mulheres; A comandante Marina Raskova também tinha um desejo patriótico que fosse além da luta feminina. Armeni (2020) comenta sobre o discurso de encorajamento de Marina Raskova para as outras moças que estavam dispostas a ir para a linha de frente. Marina adota uma postura firme, e seu discurso reflete determinação e encorajamento para as mulheres que desejam se alistar, mas a aviadora deixa claro as durezas da linha de frente:

As mulheres que escolhem devem entender, sem nenhuma dúvida, que vão lutar contra os homens e que devem lutar como homens. Se foram escolhidos, poderão até não morrer, mas talvez se queimem a tal ponto que nem mesmo suas mães consigam reconhecê-las; poderá ficar cego, perder uma mão ou uma perna; poderá perder seus amigos, ser capturados pelos alemães. Você está pronto para enfrentar tudo isso?” (Armeni, 2020, p.63-64).

De acordo com Vinogradova (2015), Marina Raskova, como uma das primeiras navegadoras, convocou jovens mulheres para mostrar as potencialidades das aeronaves russas e a capacidade feminina de pilotá-las. Marina Raskova foi uma “heroína soviética” que produziu muitos registros, entre eles, de velocidade e duração de voos.

Dessa forma, no documentário pode-se visualizar a figura de Marina Raskova figura central para a criação de regimentos, tendo enfrentado Stalin para estabelecer regimentos próprios femininos, devido à descredibilização por parte dos homens e às concepções tradicionais de gênero. Além disso, representava a “Nova Mulher” soviética. Segue algumas imagens do documentário sobre o discurso de Marina Raskova, até a primeira etapa em que as mulheres tiveram que passar para se tornarem membros militares do regimento:



**Fig.01**  
**Marina Raskova lendo cartas das moças interessadas no serviço militar**  
**Fonte: YouTube**



**Fig.02**  
**Corte de cabelo das mulheres militares**  
**Fonte: YouTube**

Nas narrativas aqui abordadas, é perceptível a existência de semelhanças, embora a literatura apresente uma riqueza maior de detalhes, enquanto o documentário retrata mais um quadro de atuação, com menos problematizações ao longo das imagens. Porém, é importante salientar que o documentário tem uma perspectiva própria; as imagens falam muito e, embora possam não direcionem um caminho como na literatura, permitem uma relação diferente com os discursos.

Assim, a imagem do corte de cabelo, retirada do documentário nos permite entender as imposições do "masculino" às aviadoras e simbolizava uma masculinização, além de representar uma ruptura com a feminilidade tradicional. Outro aspecto é que os cortes de cabelo "masculinos" geraram um grande impacto nas mulheres que passaram por esse processo. Embora o documentário não trate isso de forma tão profunda, no livro é possível compreender como foi esse momento com mais detalhes. No capítulo "Um tapete de tranças", Ritanna Armeni (2019) reconstrói o impacto do corte de cabelo, que foi a primeira medida que as mulheres tiveram que enfrentar:

No dia seguinte, sempre em fila, vão ao barbeiro do regimento. É o mesmo ao qual se dirigem os homens para seu primeiro corte como soldados. Uma após a outra, as futuras pilotas submetem-se a um ritual que se assemelha a um sacrifício. Não soltam os cabelos, pois demoraria muito para cortá-los. Limitam-se a inclinar a cabeça na frente do barbeiro, como se fosse uma guilhotina. Alguns fecham os olhos, como se estivessem prestes a sentir dor. Basta um movimento decidido da tesoura, e a trança cai no chão. Em seguida, o barbeiro aparra um pouco nas laterais para encurtar os cabelos até onde exige a ordem militar, pouco acima das orelhas. Na sala lotada e sem adornos não se ouve nenhuma palavra, não há lágrimas nem lamentos. Reina um estranho silêncio inexplicável em um lugar repleto de mulheres jovens. Um corte de tesoura após o outro, e o ritual se cumpre. As moças esperam umas pelas outras e saem como entraram: em fila. No chão há um tapete de tranças loiras, castanhas, pretas, castanho-escuras e ruivas (Armeni, 2019, p.95).

Nesse trecho, a palavra "sacrifício" revela um aspecto que pode refletir a ideologia de se sacrificar pela pátria. Além disso, o documentário não apresenta nenhuma das mulheres chorando ou lamentando, o que se configura como uma espécie de ritual de força, um teste que elas passaram. Após esse momento, ficam em silêncio, o que não era típico das mulheres, reforçando um estereótipo. As imagens no documentário, apesar de rápidas e sem dramatização, romantizam a situação, destacando que estavam cumprindo um dever, realizando o que precisavam fazer. Isso pode revelar processos mais profundos em relação à constituição de ser "mulher" na sociedade soviética.

Assim, o processo de expansão e flexibilização das ideologias de gênero é evidente. Um aspecto que se destaca é a construção da "Nova Mulher", que agora incorpora elementos ditos "masculinos" — como a presença em espaços públicos, a participação na política e no trabalho — quanto "femininos", no sentido de continuar sendo esposas e cumprindo papéis de gênero tradicionalmente atribuídos às mulheres. Como aborda Elena Sahnó: “A 'nova mulher' deveria executar o mesmo trabalho que o homem, apresentar os mesmos resultados, estudar e participar nas atividades políticas e públicas e, no tempo que ela sobrasse, cuidar da casa e criar filhos” (Sahnó, 2017, p.27). Essa perspectiva é confirmada pelo fato de que o cabelo, considerado um símbolo de beleza feminina, foi cortado, representando uma transição.

Durante o documentário, não se observam lamentações ou remorsos, mas sim um ritual de força, um teste que elas passaram com sucesso. Isso é o que o documentário transmite: uma trajetória de foco, encorajamento e determinação. Na segunda parte do documentário, aparecem imagens de mulheres militares em filas, usando uniformes de aviação e com os cabelos curtos. O que chama mais atenção são as imagens escolhidas, que retratam sempre mulheres sorridentes, passando a impressão de que era algo natural a ser vivido, além de representar um sentimento de nacionalidade e heroísmo.



**Fig.03**  
**Quingentésimo octogésimo oitavo Regimento de Bombardeios Noturnos**  
**Fonte: YouTube**



**Fig.04**

**Quingentésimo octogésimo oitavo Regimento de Bombardeios Noturnos**

**Fonte: YouTube**

Então, é preciso destacar que o documentário escolheu as imagens para passar a ideia de que aquele espaço era uma conquista mas que ao mesmo tempo reforça uma narrativa de heroísmo. O que não desfaz o seu caráter enquanto fonte de rememoração, e protagonismo feminino. Porém, perpassa um outro ponto que é a valorização de narrativas heroicas e a figura da militar, negligenciando o seu processo de construção na sociedade soviética.

Acompanhadas por uma música patriótica, essas mulheres são vistas em aviões, aparentemente felizes, em reuniões com outras, criando uma imagem de coletividade e união. A partir disso, podemos analisar como as identidades femininas militares foram desconstruídas e reconstruídas durante uma guerra. As mulheres não eram apenas vistas como mães e esposas, mas também como combatentes, o que representava uma ruptura com os papéis tradicionais, mas ao mesmo tempo um reforço à ideologia soviética.

De acordo com Deborah Bem Borges e Giovanna Bem Borges (2022), havia uma certa reverência à representação da mulher militarizada, refletindo a figura da "Nova Mulher" ou "mulher-camarada". As autoras discutem que essas novas representações eram baseadas em militantes do partido comunista internacional, que tiveram início no final do século XIX. Também houve um movimento político que buscou adicionar elementos como maternidade e

patriotismo à imagem feminina para a propaganda de guerra, como “mulher-mãe” ou “mãe-pátria”. Markwick (2018) ressalta que essas manobras políticas, promovidas por Stalin, incluíam elementos maternos, patrióticos e religiosos, incentivando o dever e a mobilização dos cidadãos, sendo o lema marcante “a pátria-mãe chama!”.

É convincente, por meio das fotografias expostas ao longo do documentário, a forte influência e o interesse em promover o exército feminino soviético. Como já mencionado, foi um projeto bem articulado na mídia. O documentário realiza um recorte de atuação muito bem feito, destacando aspectos de vivências, mas quando comparado à dura realidade à qual as mulheres militares foram expostas, percebe-se um distanciamento na problematização das violências de gênero e sociais que as aviadoras, mecânicas, navegadoras, entre outros profissionais, enfrentaram. Embora se trate de uma perspectiva distinta, é importante não ignorar esses pontos.



**Fig.05**  
**Mulheres prestes a iniciar voo**  
**Fonte: YouTube**



**Fig.06**  
**Reunião do Quingentésimo octogésimo oitavo Regimento de Bombardeios**  
**Noturnos para planejamento**  
**Fonte: YouTube**

As imagens de mulheres sorridentes, usadas no documentário, criam a impressão de que as aviadoras estavam plenamente confortáveis em seus papéis. A música de fundo e a escolha de filmagens que capturam expressões de vitória ou orgulho ajudam a construir uma imagem de força e heroísmo. É possível perceber a carga emocional presente na escrita literária em contraste com a objetividade do documentário.

Ainda nesta segunda parte, Aleksandra Akimova inicia o seu depoimento, seguido por Nadejda Popova, Irina Rakobolskaya e, por fim, Rufina Gasheva. As imagens das mulheres são intercaladas com suas vozes narrando eventos e detalhes sobre a chegada ao regimento, seu primeiro contato com a aviação e a criação do Regimento 588 em 1942. Um aspecto importante diz respeito à liderança de Marina Raskova, que não tolerava objeções. Isso destaca como as mulheres, apesar de serem limitadas pelo sistema patriarcal, encontraram formas de resistir e conquistar espaços de poder, como Raskova fez ao liderar as mulheres no esforço de guerra.

As questões de gênero aparecem na postura severa de Raskova, que se aproxima do perfil masculino de liderança, e na falta de reconhecimento por parte do comando em relação

ao efetivo feminino. Essa postura mais dura era um mecanismo de autoridade, demonstrando liderança e competência. Elena Sahnó (2017) aborda a mulher soviética na guerra civil e a descredibilização por parte dos colegas homens. A autora aponta: “Os soldados homens tinham preconceito pelas colegas mulheres. Além de guerrear contra o inimigo, a mulher no exército deveria enfrentar a desconfiança e subestimação dos companheiros” (Sahnó, 2017, p.77). Portanto, percebe-se um histórico de descredibilização que reforça as posturas “masculinas” que as mulheres devem adotar para se proteger.

Além disso, o documentário relata uma tempestade que causou mortes e quedas de aeronaves, dificultando a chegada à fronteira Sul. Há um episódio em que o comandante Vershinin, do 4º Exército Aéreo, expressa seu descontentamento com o envio de mulheres em aeronaves frágeis: “Ele não ficou muito feliz com o fato de que enviaram um regimento de meninas em aeronaves de compensado” (Night Witches, 2013, 8:17 min). Isso também se refere à descredibilização do trabalho feminino, uma questão historicamente instaurada.

Nesse sentido, no decorrer do documentário, as mulheres nas imagens vão se mostrando à vontade para contar sobre suas atuações, narrando os acontecimentos e, ao longo dos depoimentos, sempre frisando como os homens as impulsionaram, mesmo que indiretamente. Os depoimentos são lineares, não fazem objeções ou relatos duros, e lembram de forma calma.

Michael Pollak (1992) discute a memória cronológica e política, que se manifesta de forma a seguir uma certa cronologia política. Dessa forma, o autor também aponta que a memória pode sofrer flutuações, dependendo do momento em que é relembrada.

As preocupações do momento constituem um elemento de estruturação da memória. Isso é verdade também em relação à memória coletiva, ainda que esta seja bem mais organizada. Todos sabem que até as datas oficiais são fortemente estruturadas do ponto de vista político. Quando se procura enquadrar a memória nacional por meio de datas oficialmente selecionadas para as festas nacionais, há muitas vezes problemas de luta política. A memória organizadíssima, que é a memória nacional, constitui um objeto de disputa importante, e são comuns os conflitos para determinar que datas e que acontecimentos vão ser gravados na memória de um povo (Pollak, 1992, p.204).

A partir disso, o autor também deixa claro que os modos de rememoração podem ser conscientes quanto inconscientes. Michael Pollak (1992, p. 204) ainda discorre: “O que a memória individual grava, recalca, exclui, relembra, é evidentemente o resultado de um verdadeiro trabalho de organização”. Há também a possibilidade de a memória estar ligada a

um sentimento de identidade, tendo em vista sua construção individual e coletiva. É algo que se destaca sobre a memória: sua modificação ao longo do tempo e até mesmo a seletividade que é feita ao rememorar. Não podemos negligenciar que essas memórias fazem parte de um período traumático pelo qual o regimento passou. Ao analisar tais memórias, não podemos deixar de lado os aspectos que as influenciam.

O que o autor analisa é algo que nos faz pensar sobre como o documentário construiu esses depoimentos de maneira que há uma seleção e suavização das memórias traumáticas. Isso reflete uma tentativa de criar uma narrativa mais heroica, cronológica e menos pessoal, tendo em vista o cenário em que essas mulheres fazem parte de um grupo. A ausência de uma análise crítica dessas memórias, como no livro de Armeni, reforça a busca por manter o foco na vitória e até mesmo sustentar o discurso. Michael Pollak (1989) aborda também esse silêncio, que pode ser uma maneira de evitar culpas; as que compartilham da memória traumática preferem guardar o silêncio, para evitar conflitos, e se abster de falar.

Dessa forma, no documentário, temos acesso a memórias selecionadas, e podemos perceber que lembrar acontecimentos e testemunhar pode reviver sentimentos, acessar dores e voltar a memórias que não foram muito bem curadas pelo tempo. Nesse sentido, o documentário segue uma linha de depoimentos, assim como na terceira parte, em que retrata como corriam os voos.

Há outros aspectos a serem percebidos, como o fato do regimento ter “mandamentos”, sendo um deles o de “ter orgulho de ser mulher”, uma maneira que as mulheres enfrentaram a frente de guerra, enquanto os homens as chamaram de “o regimento de saias”, potencializando ainda mais as ações do regimento: “Quando chegamos à frente, nossos colegas homens riram de nós” (Night Witches, 2013, 7:37 min). Além disso, ainda havia empecilhos com relação ao tempo, como nuvens, chuva e neve, fazendo com que as mulheres aguardassem em seus aviões para que pudessem voar. Esses aspectos fogem um pouco da linearidade e suavização que o documentário vinha construindo.

Assim, podemos perceber que o documentário apresenta as aviadoras como heroínas e reforça uma narrativa que já era fortemente promovida pela propaganda soviética da época, que via nas “Bruxas da Noite” um símbolo do esforço de guerra socialista, além de também representar a “mulher camarada” e “nova feminilidade”. No entanto, há pouca crítica ou contextualização sobre como essas mulheres foram usadas politicamente. No entanto, revela uma forma de resistência feminina à conduta masculina e à desvalorização de sua posição, afirmando-se como pertencente ao contexto e à ação de guerra.

Logo à frente, na quarta parte, temos aspectos relacionados à rotina de voos, detalhes sobre o número de missões que cada uma fazia — cada uma operava em 10 missões — e, logo após a missão cumprida, os aviões eram carregados. Dessa forma, havia um trabalho grupal para recarregar as aeronaves, dependendo do peso das bombas.

Além disso, o documentário frisa ainda os empecilhos que as aviadoras tiveram que enfrentar, obstáculos em relação à aeronave e também à proteção. Inúmeros voos aconteciam com desproteção; em relação a isso, é narrado um acidente que aconteceu em 1943, no qual 8 pessoas foram mortas em quatro tripulações. Segue a descrição sobre uma das tragédias que o regimento matou:

Depois da guerra foi publicado um livro sobre a Luftwaffe alemã. Diz... Há uma fotografia do piloto. Tem uma foto dele marcando quatro marcas em sua aeronave - uma para cada aeronave que ele abateu. Zhenya Krutova e Lena Salikova foram queimadas diante dos meus olhos. Eu vi a morte se aproximando deles, mas o que eu poderia fazer? Minhas mãos e pés tremiam. Foi a primeira vez. Eu tinha visto uma aeronave em chamas. Quando as quatro tripulações foram mortas, as missões foram canceladas. Mas apenas naquela noite. Na noite seguinte estávamos voando novamente. Os pára-quedas eram muito pesados, então ficamos sem. Poderíamos levar bombas extras em vez dos pára-quedas. Uma manhã, recebemos uma notícia terrível. Todos se levantaram e tiraram os bonés em silêncio (Night Witches, 2013, 4:49 min/7:43 min).

Além de imagens como essas as integrantes deste regimento na quinta parte do documentário destacaram em seus depoimentos como a guerra se integrou a sua vida, e também após um tempo de atuação seu regimento passa por uma aceitação refletindo no tratamento e recepção pelos outros regimentos masculinos:

Os regimentos masculinos nos tratavam de maneira muito diferente agora. A infantaria nos chamou de “seres celestiais”. Os alemães nos chamavam de "Feiticeiras da Noite" ou "Bruxas da Noite". Eles aprenderam sobre nosso regimento nas aldeias ocupadas. Eles não atiraram em nós. Por que eles não fizeram isso? O apelido de “Bruxas da Noite” era uma admissão de nossa grande habilidade. Estávamos vivos. E a frente e a guerra e todos os seus horrores eram a nossa vida (Night Witches, 2013, 3:50 min/5:00 min).

Por fim, na sexta e última parte do documentário, é abordado o fim do conflito. As aviadoras e integrantes de outras atividades no regimento desfilaram e fizeram o acordo de se encontrarem anualmente nos dias 2 de maio e 8 de novembro. A afirmação de que a guerra esteve no centro de suas vidas se intensifica; até mesmo após o conflito, em sonhos e lembranças, o período deixou marcas e danos irreduzíveis em suas vidas. O documentário

reforça a imagem de heroínas da pátria e não questiona a instrumentalização e manipulação das mulheres, seja na propaganda, na política ou no mercado de trabalho pelo governo soviético.

Além disso, o documentário não faz uma extensão das consequências que ocorreram após a guerra nas memórias, tanto fisicamente quanto socialmente. Trata-se de um acompanhamento de uma narrativa sobre o regimento que articula apenas as memórias de forma um pouco resumida. Perpetua a glorificação sem abordar as consequências pós-guerra, como o retorno ao lar e o silenciamento. Deborah Bem Borges e Giovanna Bem Borges abordam esse percurso de desligamento e silenciamento da atuação feminina:

Apesar do sucesso e da eficácia dos regimentos e batalhões femininos, esses agrupamentos foram os primeiros a passarem por desmontes no começo de 1945, quando se tornou certo de que a guerra seria vencida. De forma emblemática, no desfile militar celebrado, no dia 24 de junho, em homenagem à Vitória soviética, do qual cerca de 40 mil soldados participaram-todos homens, o discurso oficial proclamado pelo marechal Zhukov, o oficial mais condecorado da União Soviética, elogiou todas as trabalhadoras e camponesas pela sua dedicação que permitiu que a URSS derrotar as forças nazifascistas, entretanto, nenhuma militar teve seu nome mencionada (Borges;Borges, 2022, p.220).

Além disso, Pennington (1996) comenta que, após o fim da guerra (1945), houve uma volta aos papéis tradicionais do gênero, com as mulheres impedidas de buscar carreiras não tradicionais femininas ou até mesmo proibidas de atuar em carreiras militares. Ainda de acordo com as autoras, houve uma recusa de mulheres nas academias militares:

Quando a Major Bershanskaya, comandante do regimento de bombardeio noturno, enviou duas pilotas condecoradas com a medalha de Heroínas da União Soviética para a academia de aviação militar Zhukovsky em Moscou, em março de 1945, Pennington conta que o comandante general educadamente as recusou (Borges;Borges, 2022, p.221).

De acordo com Pennington (1996), a atuação das mulheres foi completamente negligenciada e desprestigiada sob o argumento de que deveriam seguir agora profissões menos perigosas para o corpo (para gerar filhos) e a saúde feminina. De acordo com Harris:

Tendo lutado heroicamente e com sucesso, muitas mulheres esperavam ser lembradas e honradas como herois, como filhas patrióticas que defenderam a Pátria. Em vez disso, os escritores soviéticos esqueceram em grande parte as suas contribuições, ignorando as mulheres que participaram inteiramente do combate e concentrando-se, em vez disso, nas mulheres em papéis tradicionais e estimulantes. Com o fim da guerra, imagens de mães felizes e sorridentes

segurando crianças substituíram fotos de mulheres guerreiras (Harris,2008,p.145).

A partir disso, percebe-se que uma narrativa visual não substitui nem o complemento dos detalhes ricos e emocionais que a literatura proporciona. Nesse sentido, a literatura nos apresenta aspectos que no documentário ficam ocultos, como o pedido de esquecimento por parte do governo, enfatizando a volta das mulheres para suas famílias como mães e esposas, reforçando papéis patriarcais. Deborah Bem e Giovanna Bem (2022) comentam:

Em um discurso realizado por Stalin, em novembro de 1944, ele enfatizou repetidamente o importante papel que as mulheres soviéticas desempenharam no esforço de guerra trabalhando na indústria e nos serviços públicos na retaguarda, porém as mulheres lutando nos fronts não foram sequer mencionadas (Borges;Borges, 2022, p.223).

Dessa maneira, Aleksievitch (2016, p. 279) discute a situação dessas mulheres e suas atuações, que não terminaram com a vitória; ainda teve que enfrentar uma sociedade que negligenciava e desvalorizava sua atuação. A autora ainda aponta que existia entre elas um acordo do “não dito” para se resguardar. Nas palavras do autor: “Protegiam isso vigilantemente. Existe entre elas um acordo não dito: daqui para a frente é proibido”.

De acordo com Harris, as mulheres no pós-guerra ainda foram alvos da literatura de guerra escrita por homens. Nessa literatura, haviam nomenclaturas como “donzelas” e “guerreiras”. A primeira seria uma personagem que representava uma mulher doce e subserviente, que atuava em funções menos violentas, como operadoras de rádio ou enfermeiras. A segunda seria a mulher que se dedicou à pátria, deixando tudo para trás e feito. Harris aborda como a personagem da mulher “serva” provocava uma feminização das mulheres:

Os traços de caráter do tipo serva mostram uma mulher feminizada. Eles rejeitam tanto a indefinição dos papéis de gênero na década de 1930 quanto os papéis ampliados oferecidos às mulheres no meio da guerra (Harris,2008, p.151).

Portanto, o documentário retrata uma face do regimento: a da vitória, heroísmo e determinação. Por outro lado, as mulheres do regimento e de outros segmentos militares enfrentam diversas guerras para poderem ter suas ações legitimadas na sociedade patriarcal.

Desde a propaganda até o cotidiano, encontraram obstáculos a serem superados, apenas por serem mulheres e representarem um perigo à ordem patriarcal e às posições de gênero.

Assim, a análise aqui proposta, destaca as complexidades das fontes testemunhais, o cinema e a literatura, bem como, nos proporciona aprofundar sobre as experiências femininas na Segunda Guerra Mundial, a partir do Regimento de Bombardeios Noturnos 588. O capítulo se propôs a não apenas resgatar vozes, mas também perceber estruturas de poder, memória e representações que frequentemente inviabilizam e tensionam o papel das mulheres que atuaram na guerra. Ao propor uma análise interseccional das histórias pessoais e coletivas, também se insere no objetivo de questionar espaços de hegemonia masculina nas narrativas históricas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O livro *O perigo de uma história única* (2009), da escritora Chimamanda Ngozi Adichie, nos instiga a questionar histórias únicas sobre culturas e assuntos. Chimamanda narra sua experiência enquanto criança e jovem africana e aborda como somos bombardeados por histórias únicas, cheias de preconceitos e representações pejorativas de culturas e pessoas, que nos deixam vendidos diante de nossa ancestralidade e representatividade.

Dessa forma, ao longo da História, o corpo feminino se encontrou longe das narrativas oficiais que escreveram sobre a guerra. Grandes homens, grandes caçadores, grandes defensores da pátria — esses e outros termos foram atrelados aos homens que se dedicaram durante esse período. Mas, e as mulheres?

Chimamanda Ngozi Adichie (2009, p.12) coloca que: “O poder não é apenas de contar a história de outra pessoa, mas de fazer que ela seja sua história definitiva”. A partir disso, compreendemos como a figura masculina, desde cedo na história, foi contemplada como símbolo de poder, sempre presente nos espaços públicos e no meio político, participando como representante da sociedade. Já a mulher foi relegada ao espaço privado, de atenção secundária. Isso impacta também a ida das mulheres militares para o front, na visibilidade de suas trajetórias.

O cinema proporciona legitimidade e dinâmica entre as narrativas sobre o período em questão. O documentário *Night Witches* mostra sua importância ao analisarmos o contexto que retrata: um período de grande esforço e mudança nas relações, além de apresentar as memórias dos membros que desejavam ter sua voz ouvida. Percebe-se, ao longo da produção cinematográfica, sua preocupação em reconstruir o que aconteceu com o Regimento de Bombardeios Noturnos, seguindo a voz das aviadoras.

Embora haja cuidado com esses depoimentos e com a representação das narrativas pessoais, o documentário é o retrato de mulheres e "personagens" de seu tempo, suas mensagens e formas de se manifestar, o patriotismo e a garra para contar suas artimanhas e o que tiveram que enfrentar para ter seus lugares de vitoriosas. Isso é importante porque o cinema também tem a função de dar visibilidade a grupos marginalizados. Assim afirma Eduardo Morettin: “A contra-história, via cinema, apresenta-se em sua forma mais cristalina quando grupos marginalizados pela sociedade assumem o controle da produção de imagens” (Morettin, 2003, p.16).

A produção utiliza imagens de arquivo, fotografias e cartas, que dão ambientação de guerra trazendo sentimentos e humanização aos relatos. Pode-se perceber também a

legitimidade no que é contado, embora não seja direcionado para os problemas da guerra nem para os desafios do período. Enquanto a literatura se apresenta como uma fonte que carrega em si mais detalhes e ambientação histórica, a obra de Ritanna Armeni tem como objetivo também reconstruir a história do regimento. A autora conta não apenas com os depoimentos do vice-comandante, mas realiza uma pesquisa aprofundada sobre o regimento e o período militar.

Nesse sentido, o objetivo geral desta pesquisa é buscar compreender historicamente as dinâmicas de poder e os mecanismos de controle presentes na sociedade russa através do Regimento Russo de Bombardeios Noturnos 588, a partir da historiografia que possibilita maior aprofundamento e abordagens teórico-metodológica para as fontes cinematográficas e literárias. Dessa forma, para seguir esse processo, foi necessário traçar alguns objetivos específicos. Primeiramente, buscou-se problematizar a história "única" escrita sobre as mulheres, sobretudo as militares russas, apresentando o quadro de algumas produções historiográficas que foi possível o acesso. A partir disso, a partir da análise dos trabalhos, percebe-se a grande ênfase em trabalhos sobre mulheres militares russas específicas, muitos dos quais narram apenas uma história de vitória e glorificação.

Além disso, foi possível obter uma visão mais ampla sobre a construção da "mulher guerreira" russa, por meio da mídia e de políticas contraditórias de flexibilização do papel feminino tradicional. A partir disso, foi necessário abordar gênero e guerra, categorias que possibilitam investigar o controle e a produção de discursos sobre corpos e identidades. Esse é um aspecto que dá maior relevância a esta pesquisa, pois, ao entender a abrangência do conceito, suas influências históricas e a diversidade do território russo, percebe-se que o gênero assume um papel histórico, cultural e social que se modifica ao longo do tempo. Observe-se também como estratégias políticas e ideológicas foram transmitidas e articuladas de forma desigual entre mulheres de diferentes etnias e classes sociais, influenciando produções historiográficas e representações sociais do feminino e do front de guerra.

O segundo objetivo foi analisar essas representações do regimento e das mulheres militares, sobretudo as trabalhadoras, envolvendo a maternidade e a inserção no mercado de trabalho. Essas mulheres enfrentam diversas barreiras em sua inserção no meio "masculino" de trabalho, como questões de salário, subsistência, desemprego, prostituição, tripla jornada e a idealização das mulheres soviéticas como guardiãs da família tradicional. As que estiveram no front de guerra ainda sofreram um apagamento de sua atuação, além de um pós-guerra marcado por reconstruções dos papéis tradicionais de gênero, foram ideologias que se estenderam até seus corpos, em ideais de feminilidade e masculinidade reforçadas pela propaganda em revistas e jornais, que produzem uma imagem idealizada das mulheres militares, algo muito distante da

realidade, especialmente das mulheres da classe trabalhadora. Toda essa construção dificultou a inserção feminina nos locais onde atuaram; passaram pela deslegitimação dos homens, além de precisarem se "masculinizar" estrategicamente para conseguirem atuar em paz. Enfrentaram também o descaso com as vestimentas, que eram desconfortáveis e masculinas.

Pensar em indivíduos marginalizados socialmente e em vítimas de um sistema de poder e controle é também entender as marcas que ficaram presentes na memória. Por meio de um processo de silenciamento e apagamento dos testemunhos femininos, o governo buscou esquecer suas principais combatentes. As memórias da vice-comandante Irina Rakobolskaya proporcionaram uma visão na medida do possível íntima, sobre a atuação do regimento 588. Através da problematização dessa literatura, com o intuito de dar visibilidade às memórias marginalizadas, podemos explorar mais sobre outras personagens, como a mulher Tadjique, que passaram pelos mesmos processos de militarização, mas que permanecem soterrados por narrativas oficiais soviéticas ou em estudos de pouca repercussão.

O último objetivo traçado, diz respeito a compreender as fontes e seus lugares e possibilidades para conseguir compreender como elas conversam ou se opõem ao contar uma mesma realidade. Assim, ao analisar, percebe-se como tocar no assunto do regimento ainda despertava fortes emoções nas integrantes, além de evocar o símbolo do patriotismo e da coragem feminina. No entanto, não se pode negar que as fontes que são apresentadas divulgaram histórias profundas de superação e vitória, mas também retratam, a partir de seus depoimentos, mulheres fruto de seu tempo, que preservam a memória e entendem sua importância para manter viva a trajetória do regimento.

As fontes desempenharam o papel de auxiliar a teorizar o período, a comparar como uma memória individual pode conversar ou não com uma memória coletiva e, além disso, de mostrar as especificidades dos testemunhos em diferentes abordagens metodológicas. Surge também a necessidade de alcançar as estratégias de cada fonte de contar sobre o período, seja na linguagem, na escrita, nas imagens ou na sonorização.

Por fim, ao longo dos objetivos específicos apresentados de forma resumida, e dos resultados alcançados, é possível perceber que os objetivos foram cumpridos. Os resultados da pesquisa, que tiveram como fim um trabalho de aprofundamento e visibilidade a dinâmicas políticas e ideológicas da sociedade russa, além de mapear uma bibliografia rica sobre o tema, também resultaram em debates mais profundos alcançando visibilidade para discussões que envolvem a etnia, classe e raça como marcadores sociais dentro dessas políticas. Portanto, estudar o regimento 588 e suas integrantes, prova-se que as bruxas não só movimentam os contos de fadas, mas também histórias reais.

## REFERÊNCIAS

- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. Companhia das Letras, 2019.
- ARAÚJO, Fabrício Paiva. **Entre o lembrar e o esquecer: a construção da memória e a validade do testemunho**. Literatura e Autoritarismo, n. 16, 2016.
- ABU-LUGHOD, Lila. "**Orientalism**" and Middle East Feminist Studies. 2001.
- ASENSIO, Pablo Navarro; ALZURIA, Gonzalo Vicente Pasamar. **El papel de la mujer en el Ejército Rojo durante la Gran Guerra Patria (1941-1945)**.
- AREFIEVA, T. K. **Participação das mulheres no movimento dissidente**. Mulher na sociedade russa , n. 4, pág. 40-44, 1996.
- ARMENI, Ritanna. **As bruxas da noite: a história não contada do Regimento Aéreo Feminino Russo Durante a Segunda Guerra Mundial**. 1º edição. São Paulo: Seoman, 2019.
- ALEKSIÉVITCH, Svetlana. **A guerra não tem rosto de mulher**. Editora Companhia das Letras, 2016.
- ATWOOD, Kathryn J.; ENGELMAN, Muriel Phillips. **Mulheres Heroínas da Segunda Guerra Mundial: 32 Histórias de Espionagem, Sabotagem, Resistência e Resgate**. Chicago Review Press, 2019.
- BITENCOURT, Aline Gabriel. **Não sabemos mais quem somos: a desconstrução da identidade de mulheres nos campos de concentração nazista durante a segunda guerra mundial**. 2012.
- BAKER, Sophie. **Typewriters for Victory: Patriotic Sacrifice and the Feminization of the Workforce During World War II**. 2023.
- BARROS, José D.' Assunção. **Cinema e história—as funções do cinema como agente, fonte e representação da história**. Ler história, n. 52, p. 127-159, 2007.
- COHN, Carol. Mulheres e guerras: **Rumo a um marco conceitual**. Mulheres e guerras, pág. 1-35, 2013.
- CHARTIER, Roger. **Literatura e história**. Topoi (Rio de Janeiro), v. 1, p. 197-216, 2000.
- CONNELL, Robert W.; MESSERSCHMIDT, James W. **Masculinidade hegemônica: repensando o conceito**. Revista Estudos Feministas, v. 21, n. 01, p. 241-282, 2013.
- CAIRE, Raymond. **A mulher militar: das origens aos nossos dias**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2002.
- DECOSTE, Katherine. "**Warrior, Avenge!**": Frontivichki in the Great Patriotic War, 1941-1945. Constellations, v. 10, n. 2, 2019.

DUNLOP, Tessa. **Army Girls: The secrets and stories of military service from the final few women who fought in World War II.** Hachette UK, 2021.

DECOSTE, Katherine. "**Guerreiro, Vingue!**": **Frontivichki na Grande Guerra Patriótica, 1941-1945.** Constelações, v. 10, n. 2, 2019.

DE SENA JARDIM, Gabriel; CAVAS, Claudio São Thiago. **Pós-colonialismo e feminismo decolonial: caminhos para uma compreensão anti-essencialista do mundo.** Ponto-e-Vírgula, n. 22, p. 73-91, 2017.

DELANCE, Lisa. Women in combat. **The Wiley Blackwell Encyclopedia of Gender and Sexuality Studies.** Wiley. <https://doi.org/10.1002/9781118663219.wbegss289>, 2016.

DIRENBERGER, Lúcia. **Representações de mulheres armadas no Tajiquistão soviético e pós-soviético: descrevendo e restringindo a agência das mulheres.** O Jornal de Instituições de Poder nas Sociedades Pós-Soviéticas. Pips. organização, n. 17, 2016.

FERNANDES, Aline Vieira et al. **A guerra tem “Cheiro de homem”, mas pode ter “Rosto de mulher”:** **as representações do feminino na Segunda Guerra Mundial em uma história das mulheres no Exército Vermelho.** 2023.

FIESELER, Beate; HAMPF, M. Michaela; SCHWARZKOPF, Jutta. **Gendering combat: Military women's status in Britain, the United States, and the Soviet Union during the Second World War.** In: Women's Studies International Forum. Pergamon, 2014. p. 115-126.

FERREIRA, Neylane Naually Souza; DE FIGUEIREDO, Nielle Beatriz Ribeiro; DE CASTRO, Brenda Thainá Cardoso. **O feminismo no âmbito das relações internacionais: ocidente x oriente e o protagonismo da mulher muçulmana.** Malala, Revista Internacional de Estudos sobre o Oriente Médio e Mundo Muçulmano, v. 8, n. 11, p. 71-86, 2020.

FERRO, Marc. **Cinema e história.** Paz e Terra, 2010.

GONÇALVES, Joyce Rodrigues Silva. **Lembranças de mulheres em armas: relatos memorialísticos sobre o front.** Literatura e Autoritarismo, n. 23, 2020.

GOLDMAN, Wendy. **Mulher, Estado e revolução: política da família soviética e da vida social entre 1917 e 1936.** Boitempo Editorial, 2015.

GINZBURG, Jaime. **Linguagem e trauma na escrita do testemunho.** Revista Conexão Letras, v. 3, n. 3, 2008.

HARRIS, Adrienne Marie. **O mito da mulher guerreira e a Segunda Guerra Mundial na cultura soviética.** Universidade do Kansas, 2008.

HOOKS, Bell. **O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras.** 21ª edição, Rio de Janeiro. Rosa dos Tempos, 2023.

HAMPF, Michaela. **Solte um homem para o combate: o corpo feminino do exército durante a Segunda Guerra Mundial.** Böhlau Verlag Colônia Weimar, 2010.

ILIC, Melanie. **Histórias de vida das mulheres soviéticas: a geração entre guerras**. Routledge, 2013.

ILIC, Melanie. **Mulheres Soviéticas – Vidas Cotidianas** . Routledge, 2020.

KRYLOVA, Anna. **Mulheres soviéticas em combate** . Cambridge University Press, 2011.

KORNIS, Mônica Almeida. **História e Cinema: um debate metodológico**. Revista estudos históricos, v. 5, n. 10, p. 237-250, 1992.

LUGONES, María. Colonialidade e gênero. *In*: VAREJÃO, Adriana et al. **Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais**. Bazar do Tempo Produções e Empreendimentos Culturais LTDA, 2020.

LIMA, Cila. **Um recente movimento político-religioso: feminismo islâmico**. Revista: Estudos Feministas, v. 22, p. 675-686, 2014.

LE GOFF, Jacques et al. **História e memória**. 2003.

MINER, Steven M. **As coisas devem estar ruins no front: Mulheres nas Forças Armadas Soviéticas durante a Segunda Guerra Mundial**. Marine Corps University Press Quântico Estados Unidos, 2018.

MELLO, Ana Claudia de Rezende Costa et al. **As Mulheres de Churchill: análise da participação feminina na Marinha e Aeronáutica britânicas durante a Segunda Guerra Mundial**. 2015. Dissertação de Mestrado.

MATONDANG, Erlinda. **Mulheres na estratégia militar: uma revisão da emancipação e proteção das mulheres**. Jurnal Pertahanan & Bela Negara| agosto , v. 10, n. 2, 2020.

MARKWICK, Roger D. 'The Motherland Calls': Mulheres soviéticas na Grande Guerra Patriótica, 1941–1945. *The Palgrave Handbook of Women and Gender in Twentieth-Century Russia and the Soviet Union* , págs. 217-232, 2018.

MACIEL, Carolina Pina Rodrigues. **Literatura de testemunho: leituras comparadas de Primo Levi, Anne Frank, Immaculée Ilibagiza e Michel Laub**. Opiniões, n. 9, p. 74-80, 2016.

MORETTIN, Eduardo Victorio. **O cinema como fonte histórica na obra de Marc Ferro**. História: questões & debates, v. 38, n. 1, 2003.

MARKWICK, Roger D.; CARDONA, Euridice Charon. **Soviet women on the front lines in World War II**. New York: Palgrave Macmillan, 2012.

MINER, Steven M. **As coisas devem estar ruins no front: Mulheres nas Forças Armadas Soviéticas durante a Segunda Guerra Mundial**. Marine Corps University Press Quântico Estados Unidos, 2018.

NOGGLE, Anne. **Uma dança com a morte: aviadoras soviéticas na Segunda Guerra Mundial**. Texas A&M University Press, 1994.

NAPOLITANO, Marcos. **A história depois do papel**. Fontes históricas, 2005.

NOBRE, Hayley. **Mulheres em Combate: O Exemplo Soviético**. 2019.

PENNINGTON, Regina. **Bibliografias de mulheres e militares na história**. Minerva: Relatório Trimestral sobre Mulheres e Militares , v. 20, n. 3-4, pág. 47-109, 2002.

PINSKY, Carla Bassanezi. **O historiador e suas fontes**. Contexto, 2009.

POLLAK, Michael. **Memória e identidade social**. Revista estudos históricos, v. 5, n. 10, p. 200-215, 1992.

PISCITELLI, Adriana. Re-criando a (categoria) mulher. **A prática feminista e o conceito de gênero**. Textos Didáticos, v. 48, p. 7-42, 2002.

POLLAK, Michael. **Memória, esquecimento, silêncio**. Revista estudos históricos, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

PEREIRA, Danielle Cristina Mendes. **Literatura, lugar de memória**. Soletras, n. 28, p. 344-355, 2014.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **O mundo como texto: leituras da História e da Literatura**. História da educação. Pelotas, RS. Vol. 7, n. 14 (set. 2003), p. 31-45, 2003.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Literatura, história e identidade nacional**. Vidya. Santa Maria. Vol. 19, n. 33 (jan./jun. 2000), p. 9-27, 2000.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Editora Unicamp, 2007.

RAGO, Margareth. Descobrir historicamente o gênero. Cadernos pagu, n. 11, p. 89-98, 1998.

SUMMERFIELD, Penny. **Reconstruindo a vida das mulheres durante a guerra: discurso e subjetividade nas histórias orais da Segunda Guerra Mundial**. Manchester University Press, 1998.

SAID, Edward W. **Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente**. Editora Companhia das Letras, 2007.

SENNA, Thaiz Carvalho. **A questão feminina na Rússia e suas respostas: análise por meio da lei do desenvolvimento desigual e combinado**. Marx e o Marxismo-Revista do NIEP-Marx, v. 4, n. 7, p. 258-280, 2016.

SOUZA, Janaína de Oliveira. **A face feminina da Segunda Guerra Mundial: uma análise das atuações das mulheres no esforço de guerra a partir dos filmes O leitor (2008), As mães do Terceiro Reich (2012), A batalha de Sevastopol (2015) e As espãs de Churchill (2019)**. 2022.

SCOTT, Joan Wallach; LOURO, Guacira Lopes; SILVA, Tomaz Tadeu da. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica de Joan Scott**. Educação & realidade. Porto Alegre. Vol. 20, n. 2 (jul./dez. 1995), p. 71-99, 1995.

SAID, Edward W. **Cultura e imperialismo**. Editora Companhia das Letras, 2011.

SAHNO, ELENA. **A tentativa de construir a igualdade de gêneros na Rússia soviética 1917-1937**. 2017. Tese de Doutorado. Dissertação). Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais.

URE, James W. **Capturado pelo sol: a vida e o desaparecimento do piloto da Segunda Guerra Mundial Gertrude Tompkins**. Chicago Review Press, 2017.

VINOGRADOVA, Lyuba. **Defendendo a pátria: as mulheres soviéticas que lutaram contra os ases de Hitler**. Hachette Reino Unido, 2015.

VINOGRADOVA, Lyuba. **Las brujas de la noche. defensa de la madre patria**, 2016.

VINOGRADOVA, Lyuba. **Avenging Angels: Soviet women snipers on the Eastern front (1941–45)**. MacLehose Press, 2017.

VAREJÃO, Adriana et al. **Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais**. Bazar do Tempo Produções e Empreendimentos Culturais LTDA, 2020.

### **Vídeo**

Night Witches. Gunilla Bresky. Captain Willard, 1979. YouTube, 27 de Fev. de 2013. Disponível em: <https://youtu.be/y-5cVgjZu4?si=Wtfn-uH2GdjCJ5pM>.

## ANEXO

Quadro 1 - Trabalhos historiográficos produzidos

Autor	Título	Ano	
Anne Noggle	“Uma dança com a morte: aviadoras soviéticas na Segunda Guerra Mundial”. <sup>2</sup>	1994	
Penny Summerfield	“Reconstruindo a vida das mulheres durante a guerra: discurso e subjetividade nas histórias orais da Segunda Guerra Mundial”. <sup>3</sup>	1998	
Regina Pennington	“Asas, mulheres e guerra: aviadoras soviéticas no combate da Segunda Guerra Mundial”. <sup>4</sup>	2002	
Irina Vyacheslavovna, Kravtsova e Natalya Fyodorovna,	“Nós éramos chamadas de bruxas da noite”. <sup>5</sup>	2005	
Adrienne Marie Harris	“O mito da mulher guerreira e a Segunda Guerra Mundial na cultura soviética”. <sup>6</sup>	2008	
Michaela Hampf	“Solte um homem para o combate: o corpo feminino do exército durante a Segunda Guerra Mundial”. <sup>7</sup>	2010	
Anna Krylova	“Mulheres soviéticas em combate” <sup>8</sup>	2011	
Roger D. Markwick e Eurídice Charon Cardona	“Mulheres soviéticas na linha de frente na Segunda Guerra Mundial”. <sup>9</sup>	2012	
Melanie Ilic	“Histórias de vida das mulheres soviéticas: a geração entre guerras” <sup>10</sup>	2013	

<sup>2</sup> NOGGLE, Anne. *A Dance with Death: Soviet Female Aviators in World War II*. Texas A&M University Press, 1994.

<sup>3</sup> SUMMERFIELD, Penny. *Reconstructing Women's Lives During War: Discourse and Subjectivity in World War II Oral Histories*. Manchester University Press, 1998.

<sup>4</sup> PENNINGTON, Regina. *Wings, Women, and War: Soviet Female Aviators in World War II Combat*. University Press of Kansas, 2002.

<sup>5</sup> RAKOBOLSKAYA, Irina Vyacheslavovna Kravtsova, Natalya Fyodorovna *We were called Night Witches*. Moscow publishing house. un-ta, 2005.

<sup>6</sup> HARRIS, Adrienne Marie. *The myth of the woman warrior and world war II in Soviet Culture*. University of Kansas, 2008.

<sup>7</sup> HAMPF, Michaela. *Release a man for combat: The women's army corps during World War II*. Böhlau Verlag, Köln Weimar, 2010.

<sup>8</sup> KRYLOVA, Anna. *Soviet women in combat*. Cambridge University Press, 2011.

<sup>9</sup> MARKWICK, Roger D.; CARDONA, Euridice Charon. *Soviet women on the front lines in World War II*. New York: Palgrave Macmillan, 2012.

<sup>10</sup> ILIC, Melanie. *Life stories of Soviet women: The interwar generation*. Routledge, 2013.

Lyuba Vinogradova	“Defendendo a pátria: as mulheres soviéticas que lutaram contra os ases de Hitler” <sup>11</sup>	2015	
Lyuba Vinogradova	“As bruxas da noite. defesa da pátria”. <sup>12</sup>	2016	
Lyuba Vinogradova	“Anjos Vingadores: atiradoras soviéticas na frente oriental (1941–45).” <sup>13</sup>	2017	
James W. Ure	“Capturado pelo sol: a vida e o desaparecimento do piloto da Segunda Guerra Mundial Gertrude Tompkins”. <sup>14</sup>	2017	
Hayle Nobre	“Mulheres em Combate: O Exemplo Soviético”. <sup>15</sup>	2019	
Kathryn J. Atwood, Muriel Phillips, Engelman.	“Mulheres Heroínas da Segunda Guerra Mundial: 32 Histórias de Espionagem, Sabotagem, Resistência e Resgate” <sup>16</sup>	2019	
Melanie Ilic	“Mulheres Soviéticas –Vidas Cotidianas”. <sup>17</sup>	2020	
Pablo Navarro Asensio, Gonzalo Vicente Pasamar Alzuria	O papel das mulheres no Exército Vermelho durante a Grande Guerra Patriótica (1941-1945). <sup>18</sup>	2021/ 2022	
Tessa Dunlop	“Army Girls: Os segredos e histórias do serviço militar das últimas mulheres que lutaram na Segunda Guerra Mundial” <sup>19</sup> .	2021	
Victoria Panton Bacon	"Mulheres notáveis da Segunda Guerra Mundial: uma coleção de histórias não contadas".	2022	

<sup>11</sup> VINOGRADOVA, Lyuba. **Defending the Motherland: The Soviet Women who Fought Hitler's Aces**. Hachette UK, 2015.

<sup>12</sup> VINOGRADOVA, Lyuba. **Las brujas de la noche. defensa de la madre patria**, 2016.

<sup>13</sup> VINOGRADOVA, Lyuba. **Avenging Angels: Soviet women snipers on the Eastern front (1941–45)**. MacLehose Press, 2017.

<sup>14</sup> URE, James W. **Seized by the Sun: The Life and Disappearance of World War II Pilot Gertrude Tompkins**. Chicago Review Press, 2017.

<sup>15</sup> NOBLE, Hayley. **Women in Combat: The Soviet Example**. 2019.

<sup>16</sup> ATWOOD, Kathryn J.; ENGELMAN, Muriel Phillips. **Women Heroes of World War II: 32 Stories of Espionage, Sabotage, Resistance, and Rescue**. Chicago Review Press, 2019.

<sup>17</sup> ILIC, Melanie. **Soviet Women—Everyday Lives**. Routledge, 2020.

<sup>18</sup> ASENSIO, Pablo Navarro; ALZURIA, Gonzalo Vicente Pasamar. **El papel de la mujer en el Ejército Rojo durante la Gran Guerra Patria (1941-1945)**. 2021/2022

<sup>19</sup> DUNLOP, Tessa. **Army Girls: The secrets and stories of military service from the final few women who fought in World War II**. Hachette UK, 2021.

Aline Gabriel Bitencourt	“Não sabemos mais quem somos: a desconstrução da identidade de mulheres nos campos de concentração nazista durante a segunda guerra mundial”.	2012	
Ana Cláudia de Rezende Costa Mello	“As Mulheres de Churchill: análise da participação feminina na Marinha e Aeronáutica britânicas durante a Segunda Guerra Mundial” .	2015	
Janaína de Oliveira Souza	A face feminina da Segunda Guerra Mundial: uma análise das atuações das mulheres no esforço de guerra a partir dos filmes O leitor (2008), As mães do Terceiro Reich (2012), A batalha de Sevastopol (2015) e As espiãs de Churchill (2019)” .	2022	
Aline Fernandes Vieira	“A guerra tem “Cheiro de homem”, mas pode ter “Rosto de mulher”: as representações do feminino na Segunda Guerra Mundial em uma história das mulheres no Exército Vermelho ”.	2023	